



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Abordagem da educação em sexualidade no 1º Ciclo do Ensino Básico

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Marta Inês Ribeiro da Costa

Abordagem da educação em sexualidade no 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico,
apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira
e coorientação da Professora Especialista Dulce Maria Simões Santos Vaz

Novembro, 2023

Agradecimentos

Este relatório é o culminar de cinco bonitos anos, nem sempre fáceis, mas muito felizes! Assim, encerro um capítulo importante da minha vida, com boas memórias e muitas aprendizagens!

Pai, mãe, obrigada por me darem a oportunidade de cumprir o meu sonho de criança! Pelos esforços que sei que fizeram para que tudo isto fosse possível e por serem o meu apoio incondicional ao longo deste percurso, algumas vezes turbulento! Obrigada por serem o meu porto seguro e por acreditarem em mim!

Mano, obrigada por seres também o meu porto seguro! Obrigada pela paciência que tiveste comigo, pelas palavras certas na hora certa e por me dares força para continuar quando eu não a tinha. Obrigada por seres o melhor irmão e por estares sempre presente!

Maria, obrigada por acreditares em mim, às vezes mais do que eu própria! Obrigada por me dares força e por me fazeres acreditar que tudo é possível, basta eu acreditar em mim... uma mulher livre e empoderada pode tudo!

Madrinha, obrigada por mesmo longe estares sempre perto! Obrigada pelos jantares ao fim de semana e pelas nossas longas conversas! Obrigada por seres tu!

Professora Rita, obrigada por ter sido um grande apoio, por ser amiga e ser família! Obrigada por todos os conselhos e ensinamentos, por me fazer acreditar que todo o esforço valeu e vai valer a pena e que temos a profissão mais bonita do mundo.

Mi, obrigada por seres essa pessoa bonita e sábia e por trazeres luz à minha vida! Obrigada por seres a pessoa que, mesmo longe, se mantém presente e sempre disponível e obrigada por me fazeres ver a vida de outra perspetiva! Obrigada por acreditares em mim, nas minhas capacidades e por me lembrares que eu consigo tudo aquilo que eu desejar.

Sofia, obrigada por seres a amiga presente, por seres o meu lado racional e o meu braço direito. Obrigada por, depois de tudo, te teres mantido comigo e seres a minha força quando eu não a tive. Obrigada pelas boas memórias! Mantemo-nos juntas, do início ao fim, e para sempre!

Cidália, Rita, Paulo, Duarte e Dinis, obrigada por serem família e por, de alguma forma, estarem sempre presentes! Obrigada por todo o apoio, todas as palavras e todos momentos!

Obrigada a todos os meus amigos e amigas que, de forma direta e indireta, contribuíram para o meu sucesso neste percurso, em especial ao Manel por ter tido muita paciência para ouvir os meus desafogos ao longo deste processo, e à Maria pelo mesmo motivo e por me auxiliar na construção deste relatório. A todos, peço-vos desculpa pelo tempo que não tive para vocês, mas foi por uma boa causa!

Obrigada ao pessoal e à turma do 3º ano de Eiras, com quem tive o prazer de me cruzar, conviver e aprender. Obrigada por me terem permitido experienciar o outro lado e por me fazerem perceber que é isto que eu quero fazer o resto da minha vida.

Coimbra, obrigada por me acolheres tão bem e por te teres tornado a minha casa! Obrigada por me proporcionares momentos muitos felizes e por teres colocado na minha vida pessoas bonitas!

Professora Filomena Teixeira e Professora Dulce Vaz, obrigada por terem aceitado entrar nesta aventura comigo e por me terem dado o apoio necessário para que tudo isto fosse possível!

Marlon e Carlos, gostava muito que ainda cá estivessem para eu poder partilhar esta alegria com vocês. Segui os vossos conselhos e consegui alcançar aquilo que mais desejava. Espero que estejam orgulhosos de mim!

Termino agradecendo a todos os que, mesmo não tendo o seu nome aqui escrito, têm também um lugar especial no meu coração.

Título da Tese de Mestrado: Abordagem da educação em sexualidade no 1º CEB

Resumo: Este relatório final surge sobre uma intervenção realizada no estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito de Estudo do Meio e de Cidadania, no ano letivo de 2021/2022, numa turma do 3º ano de escolaridade. O estudo, de natureza qualitativa, teve como ponto de partida as questões de investigação “O que pensam as famílias e a professora cooperante sobre a abordagem da educação em sexualidade no 1º CEB?” e “De que forma a educação em sexualidade pode ser abordada com crianças do 3º ano de escolaridade?”. Formularam-se os seguintes objetivos: i) Auscultar a opinião das famílias e da professora cooperante relativamente à educação em Sexualidade no 1º CEB; ii) Diagnosticar ideias de crianças do 3º ano de escolaridade sobre Sexualidade; iii) Desenvolver e avaliar uma intervenção com crianças do 3º ano/1º CEB que atenda a questões significativas na abordagem da Sexualidade. Para isso, foram realizadas seis sessões de trabalho prático, em grupo, envolvendo a participação ativa das crianças e da professora, tendo sido abordadas temáticas como: o que é a sexualidade, diferença entre corpos femininos e masculinos, alterações do corpo com a idade, estereótipos de género e prevenção do abuso sexual. Com o intuito de auscultar a opinião das famílias sobre se a escola é contexto importante para promover e complementar aprendizagens na área da sexualidade e, ainda, identificar possíveis necessidades, que podem dificultar a abordagem da sexualidade com as crianças, elaborou-se um questionário. Também foi efetuada uma entrevista à professora cooperante do 1º CEB no sentido de perceber a importância da abordagem da sexualidade neste ciclo de ensino, e da intervenção realizada em contexto de sala de aula. Para além disso, foram aplicados dois questionários às crianças, para avaliar a sua satisfação relativamente às sessões implementadas e às aprendizagens conseguidas. Os resultados da intervenção mostram que as famílias consideram importante existir uma complementaridade escola-famílias, na educação em sexualidade. Conclui-se que é necessário promover esta temática com as crianças, desde cedo, para efeitos de intervenção preventiva, protetora e educativa, de modo a promover atitudes e comportamentos adequados que possam contribuir para a redução de riscos.

Palavras-chave: Educação em sexualidade; 1º Ciclo do Ensino Básico; Famílias; Professora Cooperante.

Title – Approach to sexuality education in primary school

Abstract: This final report is about an intervention carried out during the Master's Degree in Pre-School Education and Primary School Teaching, within the scope of Environmental Studies and Citizenship, in the 2021/2022 school year, in a 3rd grade class. The study, of a qualitative nature, was based on the research questions "What do families and the cooperating teacher think about the approach to sexuality education in primary school?" and "How can sexuality education be approached with children in the third year of school?". The following objectives were formulated: i) To listen to the opinion of families and the co-operating teacher regarding sexuality education in primary school; ii) To diagnose the ideas of third-year children about sexuality; iii) To develop and evaluate an intervention with third-year children/1st Cycle of Basic Education that addresses significant issues in the approach to sexuality. To this end, six practical group work sessions were held, involving the active participation of the children and the teacher, covering topics such as: what sexuality is, the difference between female and male bodies, changes in the body with age, gender stereotypes and the prevention of sexual abuse. To find out what families think about whether school is an important context for promoting and complementing learning in the area of sexuality, and also to identify possible needs that might make it difficult to approach sexuality with children, a questionnaire was drawn up. An interview was also carried out with the co-operating primary school teacher to understand the importance of the approach to sexuality in this cycle of education and the intervention carried out in the classroom. In addition, two questionnaires were administered to the children to assess their satisfaction with the sessions implemented and the lessons learnt. The results of the intervention show that families consider it important for there to be school-family complementarity in sexuality education. The conclusion is that it is necessary to promote this topic with children from an early age, for the purposes of preventive, protective and educational intervention, in order to promote appropriate attitudes and behaviours that can contribute to reducing risks.

Keywords: Sexuality education; Primary school; Families; Co-operating teacher

Sumário

Introdução	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1.1 Sexualidade	7
1.1.1 Conceito de sexualidade	7
1.2 Educação Sexual	10
1.2.1 Conceito da Educação Sexual.....	10
1.2.2 A Educação Sexual em Portugal.....	11
1.2.3 A educação sexual no 1º CEB.....	13
1.3 A educação sexual na escola vs A educação sexual em casa.....	16
1.3.1 A educação sexual na escola.....	16
1.3.2 A educação sexual em casa.....	17
1.4 O abuso sexual na infância	18
II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	21
2.1 Contexto Educativo	23
2.2 Participantes.....	23
III. COMPONENTE INVESTIGATIVA.....	25
3.1 Questões de investigação	27
3.2 Objetivos.....	27
3.3 Instrumentos de recolha de dados	27
3.4 Metodologia	29
3.5 Análise dos dados e apresentação dos resultados	40
3.5.1 Questionários às famílias	40
3.5.2 Questionários às crianças	46
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

Lista de Siglas

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

2º CEB – 2º Ciclo do Ensino Básico

3º CEB – 3º Ciclo do Ensino Básico

AE – Aprendizagens Essenciais

APF – Associação para o Planeamento da Família

DGE – Direção-Geral da Educação

DGS – Direção-Geral de Saúde

ES – Educação Sexual

GTES – Grupo de Trabalho sobre Educação Sexual

ME – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial da Saúde

RES – Referencial de Educação para a Saúde

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Lista de Figuras

FIGURA 1	47
FIGURA 2	47
FIGURA 3	49
FIGURA 4	49
FIGURA 5	49
FIGURA 6	49
FIGURA 7	50
FIGURA 8	50

Lista de Tabelas

TABELA 1	15
----------------	----

Lista de Gráficos

GRÁFICO 1	41
GRÁFICO 2	42
GRÁFICO 3	43
GRÁFICO 4	44
GRÁFICO 5	51
GRÁFICO 6	52
GRÁFICO 7	52

Introdução

O relatório, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, enquadra-se na prática educativa em contexto de 1º CEB sobre uma abordagem da educação em sexualidade com crianças do terceiro ano de escolaridade.

A escolha do tema da sexualidade foi bastante ponderada por dois motivos: o primeiro, por ser, ainda, um assunto tabu para muitas crianças e respetivas famílias e, segundo, por ao longo da minha formação académica terem sido raras as abordagens a respeito da temática, excetuando os conteúdos curriculares no âmbito das Ciências Naturais. Por este motivo, depois da temática ter sido abordada na unidade curricular de Sexualidade, Saúde e Educação, no 3º ano da licenciatura em Educação Básica, a par do Referencial de Educação para a Saúde (RES), que defende que “A Escola, enquanto organização empenhada em desenvolver a aquisição de competências pessoais, cognitivas e socio emocionais é o espaço por excelência onde, individualmente e em grupo, as crianças e jovens aprendem a gerir eficazmente a sua saúde e a agir sobre fatores que a influenciam.” (Carvalho et al., 2017, p. 6), pensei que como futura educadora de infância ou docente do 1º CEB, este era um bom ponto de partida para tentar mudar algo.

A educação sexual vem a ser regulamentada após o 25 de abril, no entanto, ainda nos dias de hoje e depois de muitas atualizações, observamos que, na realidade, o que está decretado não é cumprido na maioria dos estabelecimentos de ensino português, pois muitos “professores têm dificuldade com o tema da sexualidade e da ES e, por isso, não são capazes de transmitir um conjunto coerente de opiniões, necessário para capacitar os jovens e fazerem escolhas, de modo a poderem evoluir na adolescência com responsabilidade, satisfação e segurança.” (Sampaio et al., 2007, p. 13). Esta conjuntura, faz-nos perceber que esta é uma grande lacuna das instâncias regulamentadoras da educação portuguesa para com as crianças e jovens.

Ribeiro (2006) considera “importante ensinar aos nossos adolescentes e jovens que a sexualidade faz parte do nosso todo e que a forma como a vivemos e conhecemos influencia toda a nossa vida e a maneira como nos relacionamos com os outros.” (p. 10) e considera, ainda, que “o processo educativo deve aproveitar, para integrar a

sexualidade nas etapas do desenvolvimento sexual, desde criança até jovem adulto.” (p. 10).

Neste sentido, este relatório organiza-se em quatro partes, o “Enquadramento Teórico”, a “Contextualização do Estudo”, a “Componente Investigativa” e as “Considerações Finais”. Nele preocupo-me em referir aspetos que considero fulcrais aquando da abordagem da educação em sexualidade, tendo por base conhecimentos adquiridos e literatura de referência dentro da temática. Além disso, apresento o contexto educativo no qual realizei a intervenção, bem como os e as participantes envolvidos/as, os instrumentos e a metodologia utilizada na recolha de dados. Apresento, ainda, uma análise pormenorizada de todos os dados recolhidos, através de um questionário às famílias, uma entrevista à professora titular de turma e dois questionários às crianças, ao longo da intervenção.

Concluo o relatório com as considerações finais do estudo e com algumas limitações e possíveis sugestões para investigações futuras.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Sexualidade

1.1.1 Conceito de sexualidade

Em 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS), citada por Carvalho (2008), definia sexualidade como sendo

uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura, intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (p. 32)

No entanto, em 2015, vinte e três anos mais tarde, num documento intitulado de “Saúde Sexual, Direitos Humanos e a Lei” publicado pela mesma organização e traduzido em 2020 para português do Brasil num projeto conjunto entre três instituições brasileiras, podemos observar que a definição do mesmo conceito sofreu atualizações,

Sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais. (OMS, 2015, p. 15)

Carvalho (2008), apoiando-se ainda muito na definição da OMS de 1992, acredita que a sexualidade engloba um conjunto de realidades sobre as quais podemos ter

controlo ou não, desde o sexo biológico de cada ser humano, aos papéis de género e à manifestação sexual ao longo da vida de cada um. A autora defende, ainda, que algumas realidades entre as que foram mencionados anteriormente, e outras, podem resultar de fatores da nossa biologia ou do nosso psicológico.

Para Carvalho (2008), a sexualidade é algo complexo, profundo, que não pode ser abordado de ânimo leve, afirmando que este conceito engloba várias dimensões, sendo elas a dimensão biológica, a dimensão psicológica, a dimensão social e cultural e a dimensão ética.

A dimensão biológica, prende-se nas características morfológicas que permitem distinguir o homem e a mulher. Esta diferenciação baseia-se em três categorias: primeiro, o sexo cromossómico, que é nada mais nada menos que a junção dos gâmetas paterno e materno e que nos permite, assim, ter a descendência do nosso pai e da nossa mãe. De seguida o sexo gonádico, responsável pela formação das gónadas, os órgãos responsáveis pela “produção das células reprodutoras e a secreção endócrina de hormonas sexuais” (Infopédia, 2023). Importa salientar que nos homens as gónadas são os testículos e nas mulheres os ovários. Por fim, o sexo hormonal, que apenas se começa a desenvolver com a puberdade e é responsável pela distinção dos caracteres sexuais secundários que nas raparigas são o desenvolvimento das mamas, o aparecimento de pelos na zona púbica e aparecimento da menstruação, por exemplo, e nos rapazes são o aparecimento de pelos na face, no peito e na zona púbica, o início da ejaculação e o desenvolvimento dos músculos, por exemplo (Carvalho, 2008).

No dizer do autor, importa clarificar que o termo sexo pode aludir a dois significados distintos. Pode referir-se às características anatómicas que permitem distinguir o homem e a mulher, bem como a relações sexuais (Carvalho, 2008).

Tendo em consideração que desde que nascemos somos classificados em conformidade com o sexo que apresentamos: ser rapaz ou ser rapariga, a dimensão psicológica da sexualidade permite perceber que qualquer ser humano é muito mais do que isso e que apenas as vivências e o nosso desenvolvimento psicológico, nos permitem perceber que, para além da reprodução humana, a sexualidade é também indispensável no que concerne às emoções e à sua demonstração para com o outro. Neste sentido, é

esta dimensão da sexualidade que nos permite criar laços com o outro, que não tenha qualquer relação de parentesco e, por vezes, por extensos períodos, levando a que ambos os seres humanos assumam vários compromissos um para com o outro e, desta forma, a sexualidade deixa de ser somente uma necessidade e transforma-se num “desejo, um comportamento vivencial, uma conduta humana.” (Carvalho, 2008, p.35). É esta dimensão que permite dar à sexualidade alguma essência.

Já dentro da dimensão cultural, social e dialógica podemos destacar, inicialmente, a dimensão sociocultural, que nos permite distanciar a sexualidade enquanto prazer e a sexualidade no seu propósito biológico, a reprodução. Esta separação deu a possibilidade de perceber que a sexualidade em si pode estar munida de criatividade e imprevisibilidade, o que nos leva também a ter em consideração alguns riscos, nomeadamente a perversão e, por esse motivo existem, em todos os países europeus, entidades sociais responsáveis por regular este tipo de situações. Considerando o que foi referido, concluímos que o ser humano é capaz “de carregar prazer em quase todas as estruturas psicológicas e formas de comportamento social, através do erotismo”. (Carvalho, 2008, p.36)

Quanto à dimensão dialógica, esta é a responsável por existir no campo psicológico uma necessidade de comunicar com o outro e, desta forma, ser possível trocar afeto. Esta dimensão permite aos e às jovens, e não só, a construção de relacionamentos que podem resultar na construção de famílias (Carvalho, 2008).

Por fim, a dimensão ética que nos possibilita verificar, tendo em conta a cultura e a experiência pessoal de cada ser humano, se um certo comportamento é válido ou não para com o outro, quando os mesmos estão a sós ou em público. Além disso, é nesta dimensão que se encontram os limites individuais para o próprio comportamento e para o comportamento para com o outro, fazendo-nos cumprir, ou não, normas assumidas por terceiros. Quer os limites, quer as normas têm o propósito de nos proteger a nós e aos outros, considerando, sempre, aqueles que são os nossos próprios interesses e os interesses do outro, salvaguardando os valores humanos, os direitos e o bem-estar das pessoas envolvidas (Carvalho, 2008).

Atendendo a tudo o que foi referido anteriormente, conclui-se que a sexualidade é um conceito muito vasto e histórico, que está presente em todo o ser humano e se manifesta de diferente forma tendo em conta a cultura do mesmo e o momento histórico em questão. Conclui-se, ainda, que a sexualidade humana comporta e depende de vários elementos e se expressa de diferente forma em cada ser e, no coletivo, respeita padrões sociais aprendidos e assimilados durante todo o processo de socialização (Maia & Ribeiro, 2011).

1.2 Educação Sexual

1.2.1 Conceito da Educação Sexual

A Educação Sexual não se prende, simplesmente, nas aprendizagens que as crianças e jovens fazem nos mais diversos contextos acerca deste tema. Segundo a Associação para o Planeamento da Família (APF, 2023), a educação sexual, neste caso, em contexto escolar engloba, também, a instrução de professores e de outros profissionais, para que estes se sintam competentes aquando da atuação junto dos alunos. Engloba ainda a abordagem didática contínua em contexto curricular, não só nas áreas disciplinares, mas também nas não disciplinares e o planeamento e realização de ações para as famílias das crianças e jovens.

Num contexto mais amplo, a educação sexual engloba todas “as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade” (Maia & Ribeiro, 2011, p. 76) que um ser humano tem desde o seu nascimento. Claramente que este é um tipo de educação não intencional e ocorre, principalmente, no seio familiar, alargando-se, posteriormente, a outros grupos sociais (Maia & Ribeiro, 2001). Tal como defende Pereira (2006), pode concluir-se que

A educação sexual é indispensável às crianças e elas têm o direito inquestionável de serem esclarecidas pelas educadoras/es, professoras/es bem como pelos pais e mães, encarregados/ encarregadas de educação e toda a comunidade educativa tanto mais que hoje todas as

crianças estão muito mais expostas a múltiplos estímulos informativos sexuais oriundos dos media. (p. 15)

1.2.2 A Educação Sexual em Portugal

A educação sexual, em Portugal, começou a ser considerada após o 25 de abril, durante a década de 80, com a primeira lei aprovada sobre o tema, “Lei nº 3/84 – Direito à Educação Sexual e ao Planeamento Familiar”. Na época, previa-se que nas escolas, e nos vários níveis de ensino, a abordagem de “conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humana” (APF, 2023). Relativamente à educação sexual, esta lei nunca se chegou a ser cumprida. Em 1986, surgiu a “Lei de Bases do Sistema Educativo”, que passou a educação sexual para a área da Formação Pessoal e Social (APF, 2023).

Em 1999, surge a Lei nº 120/99, que previa no segundo artigo do segundo capítulo, a implementação de um projeto de promoção da saúde e da sexualidade humana e os conteúdos que deveriam ser abordados não só nas áreas disciplinares vocacionadas para tal, mas de forma interdisciplinar e adaptados às diversas faixas etárias. Contudo, foi necessário regulamentar a lei mencionada anteriormente e, por esse motivo, surgiu o Decreto-Lei nº 259/2000 que mencionava, explicitamente, que todas as medidas previstas na lei anterior eram da responsabilidade dos estabelecimentos de ensino e de saúde e que a organização dos currículos do ensino básico e secundário deveria contemplar “obrigatoriamente a abordagem da promoção da saúde sexual e da sexualidade humana, quer numa perspectiva interdisciplinar, quer integrada em disciplinas curriculares cujos programas incluem a temática.” (Decreto-Lei n.º 259/2000).

Cinco anos mais tarde, um grupo de trabalho denominado de Grupo de Trabalho sobre Educação Sexual (GTES), desenvolveu um documento com o objetivo de esclarecer o que realmente era pretendido com a abordagem da educação sexual nas escolas e, em 2007, surge um despacho que deixa claro que a educação sexual passa, obrigatoriamente, a ser um dos quatro constituintes do Projeto de Educação para a Saúde, elaborado e implementado por todas as escolas, sem exceção. Além disso, o projeto mencionado

anteriormente deveria ter um coordenador, que seria um professor de 2º ou 3º Ciclo do Ensino Básico (2º ou 3º CEB) eleito pela escola (Despacho nº 2506/2007).

Em 2009, surge a Lei nº 60/2009, que vem relembrar a obrigatoriedade da educação sexual em contexto escolar, público e privado. Neste sentido, e para garantir que todas as crianças tinham acesso à educação sexual, a lei estabeleceu um número de horas obrigatórias para este efeito, para cada ano de escolaridade, e distribuídas ponderadamente pelos três períodos letivos:

- 1º e 2º CEB – 6 horas
- 3º CEB e ensino secundário – 12 horas.

Posteriormente, o GTES, pensou na constituição de gabinetes de saúde, como forma de auxílio na implementação da educação sexual pelas escolas. Em 2010, surge a Portaria nº 196-A/2010, que veio determinar quais os conteúdos desta temática a serem abordados em cada ano de escolaridade. Relativamente ao 1º CEB, foram os seguintes:

- “Noção de corpo;
 - Corpo em harmonia com a Natureza e o seu ambiente social e cultural;
 - Noção de família;
 - Diferenças entre rapazes e raparigas;
 - Protecção do corpo e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas.”
- (Portaria nº 196-A/2010).

No 2º ano, além do referido, o professor deve esclarecer dúvidas que possam surgir, de forma acessível às crianças. No 3º e 4º anos, o professor deve consciencializar os alunos daquilo que são as aproximações abusivas e colocá-los à vontade para, se necessário, falarem com um adulto de confiança, na família ou na escola.

No ano de 2012, as três Áreas Curriculares não disciplinares foram abolidas - Formação Cívica, Área de Projeto e Estudo Acompanhado – constituindo, assim, “uma barreira significativa à implementação não só da educação sexual, mas das outras componentes do programa de educação para a saúde.” (APF, 2023).

Em 2019, surge o Despacho nº 7247/2019 para estabelecer “as medidas administrativas que as escolas devem adotar para efeitos da implementação do previsto no nº 1 do artigo 12º da Lei nº 38/1028” (Despacho nº 7247/2019). O referido despacho prevê que todas as escolas sejam tomadas medidas que promovam a cidadania e a igualdade dentro nos seguintes aspetos:

- “a) Prevenção e promoção da não discriminação;
- b) Mecanismos de deteção e de intervenção sobre situações de risco;
- c) Condições para uma proteção adequada da identidade de género, expressão de género e das características sexuais das crianças e dos jovens;
- d) Formação dirigida a docentes e demais profissionais.” (Despacho nº 7247/2019).

Atualmente, em muitas das escolas portuguesas duram “projetos de educação para a saúde, gabinetes de educação para a saúde e professores coordenadores de educação para a saúde” (APF, 2023) e, com alguns obstáculos, principalmente no que toca ao tempo, as atividades continuam a ser feitas em horários letivos e, em alguns casos, com o apoio das atividades extracurriculares (APF, 2023).

1.2.3 A educação sexual no 1º CEB

No 1º CEB, os/as professores/as têm acesso a outros documentos, como as Aprendizagens Essenciais (AE) relativas à área disciplinar de Estudo do Meio e ao Referencial de Educação para a Saúde (RES), que os/as orientam no sentido de, em sala de aula, serem abordados estes conteúdos de forma interdisciplinar.

Relativamente às AE do 1º e do 2º ano de escolaridade, os conhecimentos a desenvolver sobre o corpo são bastante simples focando-se, principalmente, no reconhecimento de alterações morfológicas ao longo da vida do ser humano e da identificação de situações e comportamentos de risco quer para a saúde individual, quer para a saúde coletiva (ME, 2018).

No 3º ano de escolaridade, as AE preveem que as crianças sejam capazes de “Compreender que os seres vivos se reproduzem e que os seus descendentes apresentam características semelhantes aos progenitores, mas também diferem em algumas delas” (ME, 2018) e que relacionem hábitos do quotidiano com estilos de vida saudáveis.

No último ano de escolaridade deste ciclo de estudo, espera-se que as crianças consigam descrever, ainda que de forma simples, o sistema reprodutor, “reconhecendo que o seu bom funcionamento implica cuidados específicos.” (ME, 2018) e que conheçam e compreendam as “modificações biológicas e comportamentais que ocorrem na adolescência.” (ME, 2018).

O RES emerge de uma parceria entre três instituições: a Direção-Geral da Educação (DGE), a Direção-Geral de Saúde (DGS) e o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) com o objetivo de criar um documento com linguagem simples e comum sobre os variados temas, objetivos para ciclo de escolaridade “e conteúdos a abordar nas iniciativas de promoção e educação para a saúde dirigidas a crianças e jovens, bem como materiais, recursos e plataformas comunicacionais que lhe servem de suporte.” (Carvalho et al., 2017, p. 7). É de salientar que, como qualquer outro referencial de educação para a cidadania concebido pela DGE, o documento em questão é “uma ferramenta educativa flexível, de adoção voluntária.” (Carvalho et al., 2017, p. 7).

Apesar da utilização deste referencial ser facultativa, é uma mais-valia uma vez que foi concebido a pensar em todos os níveis de educação, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário. O RES apresenta, para um mesmo tema, sugestões de abordagens adequadas a cada nível de ensino, tendo em consideração o “nível de desenvolvimento” (Carvalho et al., 2017, p. 8) e o “escalão etário das crianças e dos jovens a que se destinam.” (Carvalho et al., 2017, p. 8). Desta forma, as sugestões e os objetivos apresentados podem e devem ser adaptados pelos/as professores/as, tendo em conta o contexto escolar no qual pretendem trabalhar. Os/As professores/as têm ainda a liberdade de escolher os conteúdos que querem abordar, bem como a altura certa e o método a utilizar (Carvalho et al., 2017).

Todos estes fatores referidos anteriormente, tornam o RES um documento essencial e necessário para que os/as professores/as possibilitem uma formação adequada e transversal às crianças e jovens dos diversos níveis de ensino, permitindo-lhes a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de competências dentro de temas específicos como *Saúde Mental e Prevenção da Violência, Educação Alimentar, Atividade Física, Comportamentos Aditivos e Dependências e Afetos e Educação para a Sexualidade* (Carvalho et al., 2017).

No que respeita ao conteúdo deste relatório final, dentro do RES o tema de interesse é *Afetos e Educação para a Sexualidade*, que se organiza como está apresentado na Tabela 1.

Tabela 1

Organização do tema de interesse

TEMA/Subtemas/Objetivos		Educação Pré-escolar	1.º Ciclo do Ensino Básico	2.º Ciclo do Ensino Básico	3.º Ciclo do Ensino Básico	Ensino Secundário
AFETOS e EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE						
Subtemas	Objetivos					
1. Identidade e Género	Desenvolver a consciência de ser uma pessoa única no que respeita à sexualidade, à identidade, à expressão de género e à orientação sexual	X	X	X	X	X
	Desenvolver uma atitude positiva no que respeita à igualdade de género	X	X	X	X	X
2. Relações afetivas	Reconhecer a importância dos afetos no desenvolvimento individual	X	X	X	X	X
	Reconhecer a importância das relações interpessoais	X	X	X	X	X
	Valorizar as relações de cooperação e de interajuda	X	X	X	X	X
3. Valores	Desenvolver valores de respeito, tolerância e partilha	X	X	X	X	X
4. Desenvolvimento da sexualidade	Ser capaz de aceitar e integrar as mudanças físicas e emocionais associadas à sexualidade, ao longo da vida	X	X	X	X	X
	Ser responsável para consigo e para com os outros	X	X	X	X	X
5. Maternidade e Paternidade	Refletir para o desenvolvimento de um projeto de vida	X	X	X	X	X
	Adotar atitudes e comportamentos saudáveis			X	X	X
6. Direitos sexuais e reprodutivos	Reconhecer os direitos sexuais e reprodutivos como componente dos Direitos Humanos			X	X	X

Nota: retirado de Carvalho et al., 2017, p. 13.

Dentro dos vários subtemas indicados para o 1º CEB, esperam-se diversas aprendizagens para cada um dos objetivos definidos. Por exemplo, no primeiro subtema, *Identidade e Género*, espera-se que com o primeiro objetivo as crianças sejam capazes de:

- “Tomar consciência da diversidade das Expressões e identidades de género.” (Carvalho et al., 2017, p. 74)
- “Compreender e respeitar a diversidade na sexualidade e na orientação sexual.” (Carvalho et al., 2017, p. 74)

Já com o segundo objetivo, espera-se que as crianças consigam:

- “Analisar criticamente os diferentes papéis socioculturais em função do sexo.” (Carvalho et al., 2017, p. 74)
- “Discutir o significado da promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres.” (Carvalho et al., 2017, p. 74)

No quarto subtema, *Desenvolvimento da sexualidade*, para o primeiro objetivo apresentado, espera-se que as crianças consigam

- “Identificar mudanças físicas e emocionais ao longo da vida.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)

- “Identificar a existência de um corpo sexuado e as diversas formas de identificação com o mesmo.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)
- “Valorizar a diversidade dos corpos.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)
- “Apreciar criticamente as mensagens veiculadas pela comunicação social e os padrões estéticos.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)
- “Desenvolver uma imagem corporal positiva e respeito pelos outros.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)
- “Reconhecer a existência de regras sociais sobre a privacidade e intimidade.” (Carvalho et al., 2017, p. 78)

Para o segundo objetivo do mesmo subtema, espera-se apenas que as crianças sejam capazes de:

- “Identificar a sexualidade como componente positiva do desenvolvimento pessoal e das relações interpessoais.” (Carvalho et al., 2017, p. 79)

De salientar que, em qualquer subtema, as competências a desenvolver com cada um dos objetivos têm de ser adequadas à idade e ao ano de escolaridade da turma em questão. Por isso, podem ir sendo abordadas ao longo dos quatro anos de escolaridade de acordo com o que o/a professor/a considere ser mais adequado.

1.3 A educação sexual na escola vs A educação sexual em casa

1.3.1 A educação sexual na escola

Apesar das várias tentativas havidas, desde o 25 de abril de 1974, para a implementação da educação sexual nas escolas portuguesas, como foi referido anteriormente, a verdade é que a educação sexual ainda não é abordada em muitas das salas de aula.

Quando se fala de educação sexual, alguns dos programas praticados no passado e ainda hoje, centram-se muito em questões como as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência que são, obviamente, assuntos de extrema importância. Contudo, nos dias de hoje, enquanto profissionais de educação com responsabilidades sobre crianças e jovens, devemos refletir se esses temas são ainda o centro da educação sexual, uma vez que, “vivemos em tempos de maior liberdade comportamental e, também, sexual. Não devemos esquecer que maior liberdade implica ensinar as pessoas

a fazer escolhas responsáveis dentro de uma maior constelação de possibilidades.” (Carvalho, 2008, p. 85).

Apesar dos e das docentes estarem sobrecarregados/as devido aos currículos disciplinares vastos e extensos, importa ter consciência que “a educação da sexualidade proporcionada pela escola é a única que pode chegar a todos os jovens” (Carvalho, 2008, p. 86), por isso mesmo devem ser reunidos esforços e facultar uma educação sexual com qualidade.

Concluindo, a sexualidade é um tema que deve ser abordado desde cedo, idealmente, desde criança e ao longo da escolaridade. Evidentemente, ao trabalharmos com crianças, temos de estar conscientes que “nenhuma etapa é estanque ou rígida.” (Ribeiro, 2006, p. 12) e, por esse motivo, ter a capacidade de adaptar as aprendizagens que queremos desenvolver à idade, desenvolvimento e maturidade da criança ou grupo de crianças com quem estamos a trabalhar (Ribeiro, 2006).

1.3.2 A educação sexual em casa

Numa realidade ideal, todas as famílias seriam “Famílias Sexualmente Saudáveis” (Haffner, 2005, p. 20), isto é, famílias em que pais e mães acreditam que é tão importante educar as crianças sobre sexualidade, como educá-las sobre qualquer outro assunto ou responsabilidade social. A verdade é que esta não é a realidade do nosso país, no qual a maioria de pais e mães tiveram uma educação sexual deficiente quer na escola, quer em casa e, por esse motivo “não conseguem transmitir a adequada percepção sobre a sexualidade e as relações entre as pessoas.” (Carvalho, 2008, p. 78).

De qualquer forma, as famílias devem ser conscientes e perceber que são elas que têm o principal direito e dever de educar sexualmente os seus filhos e filhas, não só até à entrada na escolaridade obrigatória, mas sempre. Para Carvalho (2008), os pais e as mães devem ter a preocupação de aprender e de se informar para, desta forma, terem confiança suficiente para exercer o seu papel de educadores/as, mas também para poderem veicular conhecimentos fidedignos à sua descendência.

Todo o processo de ensino e aprendizagem entre pais, mães e filhos/as pode ser extenso e exigente, contudo se levado com seriedade, os resultados serão de crianças, jovens e futuras pessoas adultas de bem com a sua sexualidade, informados, conscientes

nas decisões que tiverem de tomar e, futuramente, capazes de desempenhar o mesmo papel que os seus pais e as suas mães desempenharam para com eles/as (Carvalho, 2008).

1.4 O abuso sexual na infância

O abuso sexual não é um fenómeno apenas da atualidade e não são apenas as violações. Este termo engloba um conjunto de atitudes e ações desde o “exibicionismo à manipulação genital” (Robert, 2003, p. 27) e “da violação brutal à prática continuada de comportamentos incestuosos” (Robert, 2003, p. 27). O conhecimento destas práticas e a consciência de que estas podem realmente acontecer por parte de adultos e adolescentes para com crianças, leva-nos à necessidade de também abordar este conceito com as crianças de forma simples, mas, ao mesmo tempo, clara. Segundo Robert (2003), uma das formas de explicitar este conceito pode ser:

um abuso sexual é quando um adulto te quer mostrar ou te mostra o sexo, quando te convida a tocar no pénis dele, quando te pede que o deixes tocar no teu pénis, na vulva, ou nas nádegas, ou te quer beijar essas zonas. Também é abuso sexual quando ele se encosta e se esfrega contra ti de uma maneira que te incomoda. (p. 27)

O abuso sexual passa por quatro etapas distintas, mas que surgem de forma ordenada. Inicialmente, o/a abusador/a explora a criança, a sua carência de afeto e a sua vulnerabilidade, com o intuito de conseguir favores sexuais. Como a criança não compreende o que está a acontecer, com as manifestações realizadas, sente-se valorizada e querida. Depois, quem abusa, passa aos pedidos de carícias nos seus órgãos genitais, obrigando a criança a ceder às suas solicitações. Posteriormente, recompensa a criança pelo feito e obriga-a a guardar segredo sobre o que aconteceu. Para terminar, a pessoa abusadora passa a chantagear a criança, acabando mesmo por ameaçá-la. É importante compreender que quando as crianças são submetidas a este tipo de atrocidades, apesar de não conseguirem denunciar, como acontece na maioria dos casos, estas passam a sentir uma infelicidade profunda, culpa, vergonha e angústia por não saberem o que fazer (Robert, 2003).

De acordo com Pereira (2006), alguns dos motivos que levam as crianças a silenciar o abuso são, por exemplo:

- “Medo que não acreditem nelas.
- Medo de serem culpabilizadas.
- Medo de represálias do abusador.
- Medo de perderem o afecto do abusador.
- Medo que a família se dissolva.
- Medo de ser retirada à família e ir para uma instituição.” (p. 70)

Contundo, a mesma autora acredita que se os pais proporcionarem um ambiente seguro e familiar às crianças, tiverem um papel ativo nas suas vidas e tiverem conhecimentos suficientes e seguros sobre a prevenção do abuso sexual, torna-se mais fácil identificar a situação caso aconteça com o/a filho/a.

O abuso sexual deixa marcas bastante profundas nas crianças vítimas destes acontecimentos. A nível emocional e afetivo, a criança pode passar a apresentar “ansiedade, distúrbios de humor, angústia; desconfiança, medos; agressividade, hostilidade” (Pereira, 2006, p. 72). A nível da autorrepresentação, pode surgir “baixa-autoestima, culpabilidade, vergonha, auto-estigmatização” (Pereira, 2006, p. 72). A nível da sexualidade pode haver “precocidade de comportamentos sexuais; curiosidade excessiva; prostituição infantil e juvenil” (Pereira, 2006, p. 72). Por fim, podem surgir outro tipo de manifestações como “dificuldades de ordem cognitiva (...); perturbações alimentares e do sono; insucesso escolar; comportamentos anti-sociais, abandono do lar” (Pereira, 2006, p. 72).

Por outro lado, existem diversas formas que possibilitam a deteção do abuso sexual numa criança. Por exemplo, o aparecimento de sangue nos órgãos genitais, dor quando a criança se senta ou anda, conhecimento e práticas de comportamentos sexuais que não são adequados à idade da criança, terrores noturnos, sentimento de culpa ou medo de alguém especificamente (Pereira, 2006).

Em contexto escolar, no caso do/a professor/a ou dos/as assistentes operacionais darem conta da situação ou no caso de a própria criança denunciar, a pessoa adulta deve, acima de tudo, manter a calma. Posteriormente, deve falar calmamente com a criança e encorajá-la a contar tudo, tendo em atenção o discurso para que a criança não se sinta julgada e humilhada. Deve mostrar compreensão para com a criança e deixar claro que,

de forma alguma, ela é culpada pelo que aconteceu. Deve mostrar que é um porto seguro para a criança revelando disposição e disponibilidade para ajudá-la sempre que necessário. Em seguida deve reportar o caso às autoridades competentes: SOS Criança, Instituto de Apoio à Criança, Rede Nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima ou autoridades policiais (Robert, 2003).

Infelizmente, o abuso sexual é uma realidade e quanto mais informadas possam estar as crianças, as famílias e toda a comunidade escolar melhor, para prevenir estes acontecimentos e denunciar outros, se assim necessário.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

2.1 Contexto Educativo

A Escola Básica, pública, na qual realizei o meu estágio curricular na vertente de 1º CEB e na qual me propus concretizar uma investigação no âmbito da educação em sexualidade, com crianças, situa-se nos arredores da cidade de Coimbra, num meio pequeno e, de certa forma, ainda rural.

Além da vertente de 1º CEB, composta por quatro turmas do 1º ao 4º ano de escolaridade, esta escola alberga, no mesmo espaço, um Jardim de Infância, ou seja, num mesmo local convivem crianças entre os três anos e os onze anos de idade.

A maioria das crianças a frequentar a unidade orgânica eram de nacionalidade portuguesa e habitavam nas redondezas.

2.2 Participantes

O presente estudo decorreu entre outubro e junho do ano letivo 2022/2023. Participaram 18 crianças do 3º ano, num universo de 20, as respetivas famílias e a professora cooperante que era a titular de turma. Das 18 crianças participantes, 10 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos.

Saliento que uma das crianças participante no estudo estava diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista e, por esse mesmo motivo, muitas das atividades realizadas tiveram de ser adaptadas às suas necessidades, tendo em consideração a diferenciação pedagógica indispensável.

A professora cooperante, participante no estudo, assistiu e, de alguma forma, supervisionou a prática pedagógica. Estava com a turma desde o 1º ano de escolaridade e era, também, a coordenadora da unidade orgânica.

Todos os dados solicitados às famílias quer sobre o tema, quer sobre as relações de parentesco, níveis de escolaridade e idades dos familiares, foram recolhidos através de um questionário (Apêndice 1).

III. COMPONENTE INVESTIGATIVA

3.1 Questões de investigação

O tema da Sexualidade surgiu pela sua relevância e consciência de que é uma necessidade abordá-lo. Irrefletidamente, este tópico surge desde cedo na vida nas crianças e no seu dia a dia através dos *media*, por exemplo, de diálogos com amigos/as ou de conversas que escutam e, uma vez que a “Sexualidade faz parte da vida, do corpo, das relações entre pessoas, do crescimento pessoal e da vida em sociedade” (APF, s.d.), o mais vantajoso é termos crianças esclarecidas e dotadas de conhecimentos que lhes permitam tomar decisões conscientes quando necessário (Afonso, s.d.).

Neste sentido, o estudo teve as seguintes questões de investigação:

1. O que pensam as famílias e a professora cooperante sobre a abordagem da educação em sexualidade na escola?
2. De que forma a educação em sexualidade pode ser abordada com crianças do 3º ano de escolaridade?

3.2 Objetivos

Os principais objetivos formulados para o estudo foram os seguintes:

1. Auscultar a opinião das famílias e da professora cooperante relativamente à Educação em Sexualidade no 1º CEB.
2. Diagnosticar as ideias de crianças do 3º ano de escolaridade sobre Sexualidade.
3. Desenvolver e avaliar uma intervenção com crianças do 3º ano/1º CEB que atenda a questões significativas na abordagem da Sexualidade.

3.3 Instrumentos de recolha de dados

Para a realização do presente estudo, foi necessário proceder à recolha de dados em momentos distintos, através de diversas técnicas e instrumentos, nomeadamente três inquéritos por questionário, um inquérito por entrevista e uma sessão diagnóstica. A finalidade de um inquérito é poder dar esclarecimento a um determinado problema através de uma recolha sistemática de dados e, tendo em consideração o que foi referido, nada mais adequado do que a utilização de inquéritos por questionário e inquéritos por

entrevista para a recolha de dados para investigações realizadas em contexto de Educação (Batista et al., 2021, pp.14-15).

Com base no que foi dito, optei então por realizar a recolha de dados através dos dois tipos de inquérito, com respostas provenientes de diversas fontes. Inicialmente, fiz uma recolha prévia de dados junto das famílias das crianças através de um questionário, por forma a aceder a um maior número de respostas. Posteriormente, realizei uma entrevista estruturada à professora cooperante. Apliquei, ainda, dois questionários à turma (Batista et al., 2021, pp. 17-19). Saliento que os questionários eram semiabertos, sendo que a maioria das respostas foram contruídas e registadas pelos próprios inquiridos (Santos & Henriques, 2021, p. 14).

Evidentemente, quer as entrevistas quer os questionários apresentam as suas vantagens e as suas desvantagens. Ao nível dos questionários, Oliveira et al. (s.d.) apresenta como vantagens a economia do tempo, a aquisição de respostas mais rápidas e mais particularizadas, uma maior liberdade nas respostas e o menor risco de influência e distorção das respostas por parte do/a investigador/a. Já como desvantagens, o mesmo autor aponta a quantidade e perguntas que não têm resposta, o entrave no esclarecimento de dúvidas, o número de questionários que, por vezes, não são entregues e a falta de conhecimento dos contextos em que são preenchidos pode manipular os resultados. Ao nível das entrevistas, Oliveira et al. (s.d.), como vantagens, aponta a flexibilidade no que toca a repetições ou esclarecimentos das questões, a possibilidade de observar e avaliar a pessoa inquirida pela sua postura e a hipótese de obter dados mais concretos, que de outra forma não seria possível. Como desvantagens expõem a possível complexidade no que diz respeito à comunicação de ambas as partes, a possibilidade de o/a inquirido/a ser influenciado/a pelo/a entrevistador/a, a contenção na divulgação de dados importantes, pelo facto da identidade ser conhecida e a maior dispêndio de tempo para a sua realização.

Relativamente aos questionários concebidos para este estudo, o primeiro, direccionado para as famílias, tinha como objetivo perceber qual a sua opinião relativamente à abordagem da Sexualidade nas escolas do 1º CEB, qual o trabalho realizado em casa e quais as questões abordadas. O segundo, direccionado para as crianças, serviu para perceber quais as aprendizagens adquiridas ao longo das sessões

realizadas. O terceiro e último questionário, também direccionado para as crianças, permitiu auscultar o seu grau de satisfação em relação às sessões realizadas.

Todos os questionários realizados são, como atrás se referiu, do tipo semiabertos, com algumas questões dicotómicas, nas quais se pretende “que os sujeitos escolham uma de duas opções, por exemplo, Sim/Não” (Antunes, 2020), algumas questões de escolha múltipla, permitindo “que os sujeitos escolham uma entre várias opções de resposta” (Antunes, 2020) e outras de resposta aberta. Saliento que mesmo nas questões dicotómicas e nas questões de escolha múltipla existe sempre a possibilidade de explorar mais a questão, devido à pergunta “porquê” colocada depois de quase todas as questões.

A entrevista realizada foi estruturada, “composta por um conjunto de perguntas elaboradas e encadeadas sequencialmente” (Edwards & Holland, 2013 as cited in Silva & Russo, 2019), com o propósito de perceber qual a experiência da professora cooperante em relação ao tema e a sua abertura para o abordar com as suas turmas.

Considero de extrema importância referir que um dos inquéritos realizados a uma das crianças teve de ser adaptado, uma vez que, como já se referiu, o trabalho realizado ao longo das sessões nem sempre foi igual ao da restante turma, pelo facto da criança ter perturbação do espectro do autismo.

3.4 Metodologia

Neste estudo, e como já foi mencionado anteriormente, decidi envergar por uma metodologia de natureza qualitativa, realizando assim, um questionário às famílias das crianças (Apêndice 1), dois às crianças (Apêndices 2, 3 e 4) e uma entrevista à professora cooperante (Apêndice 5).

No passado e ainda nos dias de hoje, existe um grande debate em relação à utilização de uma das abordagens, qualitativa ou quantitativa ou de ambas. Porém, Ferreira (2015) defende que podemos dar mais relevo a uma das abordagens, dependendo daquele que é o nosso objetivo, mas que a utilização de apenas uma delas pode comprometer os resultados do estudo, bem como a compreensão dos mesmos.

Além do referido, ainda no campo de ação do estudo, decidi planear uma proposta de intervenção na qual abordasse vários temas relacionados com a Sexualidade, para realizar com crianças do 3º ano de escolaridade, com 8 e 9 anos de idade.

Depois de abordar a professora cooperante sobre o estudo e a disponibilidade da turma, das famílias e dela de participarem, a abertura foi imediata, colocando desde logo à disposição o tempo e os recursos necessários para a sua concretização. Saliento que para a participação das crianças no estudo os Encarregados de Educação tiveram de assinar um “Consentimento Informado”, disponível no Apêndice 6.

Assim sendo, planifiquei seis sessões cada uma delas com aproximadamente 60 minutos de duração. Inicialmente as sessões eram para se realizar durante seis semanas consecutivas, mas por motivos logísticos não foi possível, então algumas aconteceram em semanas seguidas e outras mais espaçadas.

Os temas a abordar nas sessões foram previamente definidos por mim, contudo mantive-me sempre disponível para esclarecer dúvidas e/ou curiosidades que a turma tivesse em relação a um determinado tema.

De seguida, apresento a planificação de cada uma das sessões, na qual consta o tema, os objetivos, o material necessário, a sua descrição e uma reflexão pós intervenção.

Tabela 1 – 1ª Sessão

Sessão 1		
Data: 07/03/2023	Tema: O que é a sexualidade?	Duração: 60 minutos
Objetivos • Recolher e analisar as conceções das crianças. • Perceber se há interesse no tema por parte das crianças.		
Materiais • Computador portátil • Hotspot		
Descrição - Solicita-se que cada criança ligue o seu computador portátil e o respetivo hotspot (para ter acesso à internet).		

- Pede-se que as crianças abram a aplicação *Mentimeter* e coloquem o código disponibilizado pela professora estagiária.

- Dá-se algum tempo para as crianças responderem às questões realizadas na aplicação.

Questões:

Para mim, sexualidade é...

Gostavas de abordar a temática da sexualidade na aula? Porquê?

Que temas gostarias de abordar?

- Apresentam-se os resultados das respostas às diversas questões colocadas.

- Discutem-se os resultados de cada questão, individualmente.

- Faz-se o registo das ideias mais relevantes de cada uma das questões e guarda-se ou expõe-se na sala de aula.

Reflexão

A sessão estava planificada para a turma utilizar os computadores e a plataforma *Mentimeter* mas, devido a alguns conflitos entre as crianças da turma pela utilização dos dispositivos em casa não foi possível utilizá-los e, por esse motivo, a sessão não pôde decorrer totalmente de acordo com o que estava planeado. Foi pensada uma solução no momento e a sessão acabou por decorrer noutros moldes, mas igualmente de forma interessante.

Eu acabei por ler as questões à turma e, num tempo limitado (para evitar conversas entre colegas), cada criança tinha de responder à questão no seu caderno diário. Depois do tempo terminar, cada criança partilhou a sua resposta com a turma. A primeira questão foi por mim escrita no quadro e, de seguida, cada criança registou nele a sua resposta. Relativamente às outras duas questões, cada criança respondeu em voz alta e eu escrevi as respostas, resumidamente, no quadro.

Terminadas as questões, foi realizada uma pequena discussão em grande grupo sobre o que leram e ouviram e a turma acabou por tentar adivinhar o que seria abordado nas sessões seguintes.

Relativamente a esta sessão, saliento o à-vontade das crianças em partilharem as suas respostas com os/as restantes colegas, pois tudo estava pensado para as respostas

serem anónimas e saliente, também, a preocupação e entreajuda com o colega com autismo, para que ele pudesse participar e da mesma forma das restantes crianças.

Tabela 2 – 2ª Sessão

Sessão 2		
Data: 20/03/2023	Tema: Como me vejo? Como me vês?	Duração: 60 minutos
Objetivos • Observar e analisar fisicamente o próprio corpo. • Observar as características físicas dos pares. • Aceitar que cada pessoa se observa e observa os outros de forma distinta. • Compreender que todos os corpos são diferentes.		
Materiais • Folhas brancas • Lápis de carvão • Lápis de cor • Cartolina • Lã		
Descrição - Solicita-se que cada criança faça o desenho do seu corpo, tendo em conta a forma como o visualiza (por exemplo, quando se vê ao espelho). - Afixam-se os desenhos no quadro, sem os identificar. - Constituem-se, aleatoriamente, pares de crianças. - Cada par terá de fazer o desenho do corpo do ou da colega (como o vê). - Durante 5 minutos as crianças observam os desenhos afixados. - Cada criança, individualmente e de forma rápida (30 segundos), refere uma ou duas características físicas que possui e que a caracterizam, sem indicar qual é o seu desenho. - Em seguida, aponta para um desenho e a turma, em conjunto, tenta adivinhar de quem é. Termina quando todos os desenhos tiverem sido identificados.		

- Coloca-se ao lado do desenho identificado (como me vejo), o desenho elaborado pelo ou pela colega (como me vê).

- Analisam-se os desenhos, comparam-se e promove-se uma discussão na turma sobre as características físicas das crianças da sala.

- Conclui-se que:

1. Os outros veem-me como me vejo;
2. Só alguns me veem como me vejo;
3. Os outros não me veem como me vejo.

- No final, importa que entendam que somos o que somos, independentemente de como os outros nos veem. As características físicas podem ser diversas, distinguem-nos uns dos outros, mas teremos de respeitar as diferenças existentes (cor de pele, peso, altura, limitação ou deficiência física,...), valorizando a igualdade entre meninos e meninas.

- Sugere-se a construção de uma manta de retalhos com todos os desenhos, a afixar na sala e/ou na escola ou a elaboração de um livro, dependendo da preferência das crianças.

Reflexão

Nesta sessão achei curioso a dificuldade inicial das crianças em desenharem os seus corpos sem roupa e de acordo com a realidade, parecendo que sentiam a necessidade de manter um padrão e de desenhar certos tipos de roupa e acessórios que as identificassem como sendo menino ou menina. Curiosamente, achei que, no geral, toda a turma se sentiu mais desinibida para desenhar o seu par sem roupa e de acordo com a realidade, exceto em algumas situações com medo de magoar.

A discussão em turma sobre os desenhos que fizeram de si mesmo e sobre o outro foi bastante interessante e todos, ou quase todos, acabaram por perceber que a única coisa que os distingue uns dos outros são as suas feições, enquanto pessoa, e o seu sexo. Outra coisa que ficou bastante clara com esta sessão foi a importância de respeitar o outro, independentemente das suas características físicas e a importância de valorizarmos ambos os sexos.

Para concluir a sessão e como forma de preservar os trabalhos realizados durante a sessão, a turma sugeriu a construção de um livro que tivesse de um lado os desenhos

que cada um fez de si próprio e, do outro lado, os desenhos que fizeram um dos outros para, assim, lado a lado, poderem comparar duas perspetivas diferentes sobre uma mesma pessoa.

Tabela 3 – 3ª Sessão

Sessão 3		
Data: 17/04/2023	Tema: O meu corpo vai mudar?	Duração: 60 minutos
Objetivo • Aprender as mudanças que ocorrem nos corpos de ambos os sexos com o crescimento.		
Materiais • Folhas brancas • Lápis de carvão		
Descrição - Organiza-se a turma em pares e solicita-se que, em conjunto, decidam o sexo que vão querer desenhar. - Distribui-se uma folha A5 por cada criança e, em 10 minutos, um membro do par terá de desenhar um corpo do sexo previamente escolhido antes dos 10 anos e, o outro, um corpo do mesmo sexo após os 10 anos. - Partilham-se os desenhos entre os pares e, em conjunto, num papel, os pares devem apontar as diferenças que encontram nos seus desenhos. - Apresenta-se um PowerPoint com questões orientadoras e com imagens que mostrem a diferença entre corpos de homens e de mulheres tendo em consideração as idades. Questões orientadoras: Os nossos corpos mantêm-se sempre iguais? Consegues observar alguma diferença do teu corpo para o corpo de uma menina/menino mais novo ou mais velho? Quais são as maiores mudanças que acontecem no teu corpo? Com que idade começam? - Projeta-se uma silhueta de um homem e de uma mulher e permite-se que as crianças assinalem as mudanças que vão surgir com a puberdade. - Realizam-se as considerações finais.		

NOTA: Além de realizar a sessão normalmente, no dia seguinte, a criança com autismo realizou outra atividade, individualmente, para se perceber o que tinha aprendido até então (Apêndices 7 e 8).

Reflexão

Penso que esta sessão poderia ter corrido melhor de uma forma geral.

Inicialmente, aquando da divisão dos pares, muitas crianças mostraram-se descontentes por ter de trabalhar com o colega do lado, no entanto, não abri exceções e todos/as tiveram de manter os seus lugares originais. Depois de explicitar a parte inicial da atividade e de solicitar que escolhessem o sexo a desenhar, muitos pares entraram em desacordo e alguns acabaram mesmo por desenhar corpos de sexos distintos, não conseguindo, assim, levar a atividade até ao fim.

Contudo, as crianças que se dispuseram a trabalhar com os seus pares e seguiram a atividade da forma que estava planeada fizeram os trabalhos e conseguiram, no final, identificar as semelhanças e as diferenças entre os seus desenhos, como é visível nas figuras 1 e 2, por exemplo.

Figura 1

Desenho corpo sexo masculino em criança

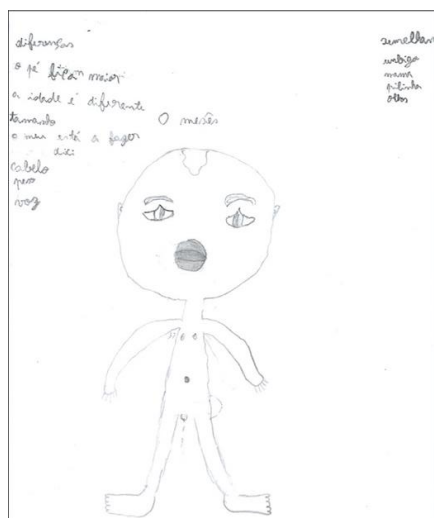


Figura 2

Desenho corpo sexo masculino idoso

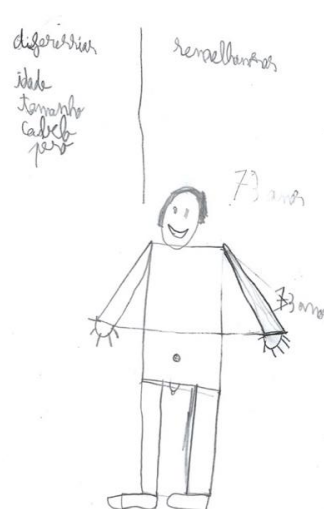


Tabela 4 – 4ª Sessão

Sessão 4		
Data: 15/05/2023	Tema: As meninas e os meninos distinguem-se pelas brincadeiras ou atividades que realizam?	Duração: 60 minutos
Objetivos • Ganhar consciência que não existem brinquedos, jogos, tarefas/atividades e profissões para homens e para mulheres. • Compreender que cada ser humano é livre de fazer as suas próprias escolhas, independentemente da opinião individual de cada um/a.		
Materiais • 4 cartolinas A3 de cores diferentes • Lápis de carvão • Lápis de cor		
Descrição - Em diálogo com as crianças, questiona-se se existem brinquedos, jogos e tarefas específicas para meninos e meninas, bem como profissões distintas para mulheres e homens (poderão surgir outras em diálogo com o grupo). - Formam-se quatro grupos, e distribui-se uma temática por grupo: - Grupo dos brinquedos - Grupo dos jogos - Grupo das tarefas/atividades - Grupo das profissões - Distribui-se uma cartolina A3 por cada grupo, dividida em três colunas: Menino, Menina, Ambos. - Cada grupo pensa em realidades concretas da respetiva temática e, em conjunto, decidir em que coluna colocar o que pensaram. - Após a realização das tarefas e, em grande grupo, apresentam-se os resultados.		

- Retoma-se o diálogo inicial e volta-se a questionar: existem brinquedos, jogos e tarefas específicas para meninos e meninas, bem como profissões distintas para mulheres e homens?
- Registam-se as conclusões.

Reflexão

O início desta sessão foi um pouco agitado devido à divisão das crianças pelos quatro grupos necessários para a realização da atividade, uma vez que algumas delas não queriam ficar no grupo que lhes foi destinado.

No entanto, o decorrer da restante sessão foi bastante positivo e gratificante poder observar e escutar o confronto de opiniões sobre uma determinada questão durante o trabalho que desenvolviam em cada um dos grupos.

Relativamente às apresentações dos cartazes realizados, importa salientar as decisões tomadas e a sua defesa, bem como as discussões havidas em resposta às questões colocadas pelos/as colegas de outros grupos.

Aquando da discussão final e do registo das conclusões, uma das crianças da turma decidiu partilhar que tinha um irmão trans, o que causou alguma agitação devido a todas as dúvidas que surgiram. Com a ajuda da professora cooperante, por ser um assunto bastante delicado, respondi a todas as dúvidas das crianças e permiti que a criança que partilhou fosse respondendo aos colegas se assim o entendesse e se sentisse confortável.

Tabela 5 – 5ª Sessão

Sessão 5		
Data: 05/06/2023	Tema: “O teu corpo é teu e de mais ninguém”	Duração: 90 minutos
Objetivos • Aprender o que é um segredo bom e um segredo mau. • Identificar partes do corpo que são íntimas e que não devem ser tocadas por ninguém (exceto no apoio ao banho pelo pai ou mãe ou numa consulta médica).		

• Tomar consciência das regras do próprio corpo.
Materiais • Livro “O teu corpo é teu e de mais ninguém”, Lucía Serrano • Panfleto resumo da sessão
Descrição - Leitura do livro “O teu corpo é teu e de mais ninguém”, de Lucía Serrano (projeção das imagens em simultâneo, para toda a turma conseguir acompanhar). - Momento de reflexão individual dos/as alunos/as, tendo em consideração o livro que escutaram, o que observaram, as suas experiências e as suas opiniões. - Diálogo com/entre a turma sobre o que refletiram. - Questionamento da turma sobre a diferença entre segredos bons e segredos e explicitação da diferença. - Apresentação de situações concretas nas existem segredos bons e segredos maus. - Apresentação e aprendizagem da canção do segredo bom e, posteriormente, da canção do segredo mau. - Realização da atividade “Semáforo do toque” e discussão da mesma. - Momento de reflexão e de diálogo sobre a sessão em si. - Elaboração das considerações finais. - Distribuição de uns folhetos com a música do segredo bom e do segredo mau e com infográfico “As regras do meu corpo”. (Apêndice 8)
Reflexão Esta última sessão não decorreu totalmente como planeado, tudo o que estava pensado foi realizado, mas não pela ordem prevista. A leitura do livro e a apresentação das imagens foi um momento mais calmo, mas, ao mesmo tempo, existiram momentos de algumas gargalhadas devido às imagens e às designações dos órgãos genitais que, nem todas as crianças conheciam. Terminada a leitura e o esclarecimento de algumas dúvidas em relação ao que ouviram e observaram, as crianças conversaram um pouco sobre o tema e, uma vez que se focaram muito nas partes íntimas, eu optei por passar à atividade do semáforo do toque.

Na minha opinião, esta atividade foi bastante interessante e permitiu-me perceber que cada criança tem os seus limites! Todas concordaram que as partes íntimas não devem ser tocadas por ninguém, contudo, em relação àquelas que devemos ter cuidado ou que qualquer pessoa pode tocar, as opiniões das crianças variaram bastante e, em alguns casos, não conseguiram chegar a um acordo em relação à resposta.

Passámos à apresentação do segredo bom e do segredo mau. Penso que esta parte da sessão foi de fácil compreensão e as crianças facilmente conseguiram identificar situações no seu dia a dia em que se poderia aplicar um destes conceitos. Além disso, gostaram muito de aprender as letras das canções dos segredos bons e dos segredos maus e, por elas, tínhamos repetido mais do que uma vez.

Para concluir fizemos uma sistematização do que foi aprendido, em conjunto, e entreguei um folheto síntese da sessão a cada criança.

Tabela 6 – 6ª Sessão

Sessão 6		
Data: 19/06/2023	Tema: O que me recordo? O que aprendi?	Duração: 60 minutos
Objetivos • Relembrar o que foi abordado ao longo das sessões 2, 3, 4 e 5. • Perceber o que cada criança aprendeu de acordo com as respostas às questões colocadas no “Questionário de avaliação após a intervenção”. • Perceber se as crianças ficaram satisfeitas com as sessões realizadas, tendo em conta o “Questionário de satisfação”.		
Materiais • Computador portátil • <i>Hotspot</i>		
Descrição - Realiza-se um diálogo com as crianças, no qual se explicita como se vai processar a sessão.		

- Solicita-se que cada criança ligue o seu computador portátil e o respetivo hotspot (para ter acesso à internet).
- Disponibiliza-se o *link* de acesso ao “Questionário de avaliação após a intervenção” através do *email* institucional de cada criança.
- Dá-se algum tempo para as crianças responderem às questões realizadas.
- Disponibiliza-se o *link* de acesso ao “Questionário de satisfação” através do *email* institucional de cada criança.
- Dá-se algum tempo para as crianças responderem às questões realizadas.
- Conclui-se a sessão e o conjunto de sessões com uma pequena conversa com a turma.

Reflexão

Esta sessão decorreu dentro do planeado. Foi mais calma e realizada de forma mais individual, para permitir a cada criança refletir sobre tudo o que foi feito e responder aos questionários de forma sincera e consciente.

Ao longo da sessão fui esclarecendo dúvidas inerentes aos questionários e ao funcionamento do mesmo, uma vez que estes foram realizados no *Google Forms* e algumas questões em papel, quando necessário. Fiquei, também, a dar mais apoio à criança autista, explicando-lhe de forma mais simples aquilo que era pretendido.

Realizámos uma conversa no fim da sessão na qual a maioria das crianças expressou a vontade de ter mais sessões deste género e o interesse em aprender mais sobre temas que não tivemos oportunidade de explorar.

3.5 Análise dos dados e apresentação dos resultados

3.5.1 Questionários às famílias

Amado (2014), defende que para se proceder à análise dos dados, existem alguns processos que têm de se realizar. Defende ainda que para ser possível haver alguma harmonia “entre a análise quantitativa e a qualitativa, a apresentação poderá ser feita combinando texto descritivo-interpretativo com tabelas” (p. 340) e gráficos, por exemplo.

Para uma análise de dados fidedigna e que me permitisse transparecer melhor os resultados obtidos, optei por começar pela leitura dos questionários às famílias e, posteriormente, por proceder à sua transcrição (Apêndice 10). De seguida, passei à

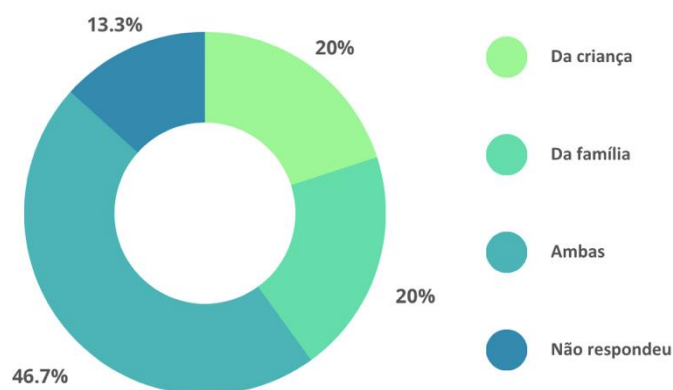
audição e transcrição da entrevista à professora cooperante (Apêndice 11) e, para terminar, efetuei a leitura dos questionários realizados à turma (Apêndice 12, 13 e 14) e a respetiva transcrição. Procedi, então, à análise dos dados das respostas obtidas.

O primeiro questionário a ser analisado foi o “Questionário às famílias”. Relembrando que participaram no estudo um total de 18 famílias, mas apenas 15 o entregaram. Deste modo, relativamente à primeira questão: “Costuma abordar com o/a seu/sua educando/a assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade?”, 14 famílias responderam que sim e apenas uma respondeu que não.

Quanto à questão 1.1 “Se sim, de quem parte a iniciativa?”, que surge no seguimento da anterior os resultados obtidos foram os seguintes:

Gráfico 1

Se costuma abordar assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade, de quem parte a iniciativa?



Como é possível observar no gráfico 1, 20% das famílias respondeu que a iniciativa é tomada pela criança, 20% das famílias que a iniciativa é tomada pelas próprias famílias, 46,7% que a iniciativa é tomada por ambas, criança e família, e apenas 13,3% não responderam à questão.

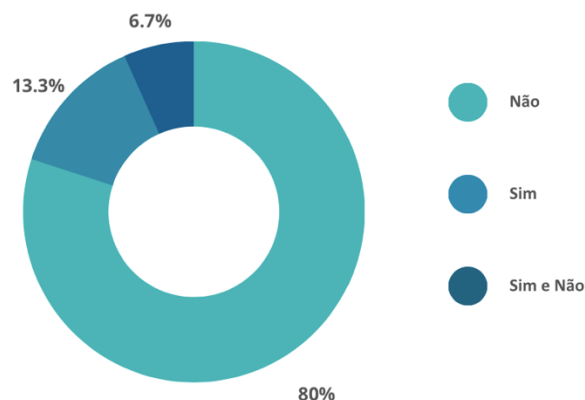
Para a questão 1.2 “Dê exemplos de assuntos que aborda com o/a seu/sua educando/a.”, algumas das respostas obtidas foram as seguintes: “Sobre não permitir que haja algum tipo de manifestação sexual da parte de algum colega ou adulto. Falamos sobre ela não permitir que alguém lhe “toque” ou se o fizerem, terá de me contar.”; “Privacidade, comportamentos, abertura para falar com os pais sobre qualquer assunto. Também já abordamos o tema da menstruação.”; “Como se fazem os bebés. A

importância do corpo da mulher”; “Mostrar/mexer partes íntimas. A quem pode questionar certas coisas.” e “Alterações do corpo, pois questiona o porquê da menstruação, o crescimento dos pêlos.”. Na generalidade, as respostas a esta questão focaram-se mais na transformação do corpo do homem e da mulher com o crescimento e sobre a importância da privacidade da criança e das relações abusivas.

Na questão 1.3 “Sente dificuldades em abordar assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade com o/a seu/sua educando/a?”, os resultados foram: 12 famílias, 80%, a responder “Não”, apenas 2 famílias, 13,3%, a responder “Sim” e uma das famílias, 6,7%, escolheu ambas as opções “Sim e Não”, como é visível no gráfico 2.

Gráfico 2

Sente dificuldade em abordar assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade com o/a seu/sua educando/a?



Já quanto às justificações obtidas para esta questão, algumas das famílias que responderam de forma negativa escreveram “Porque a sexualidade faz parte de quem somos. Porque é algo bom e que deve ser vivido aquando de alguma maturidade e dentro de um compromisso seguro.”; “Não abordo de uma forma muito complicada, sou simples a explicar e por vezes dou exemplos. Mas temas adequados à idade da criança.” e “Não. Por enquanto ainda não senti dificuldades e se em algum momento sentir, terei de conseguir ultrapassar esse sentimento, para que consiga explicar da melhor forma possível.”. As duas famílias que responderam afirmativamente justificaram escrevendo o seguinte: “Sim. Às vezes é complicado para nós tentarmos explicar certos assuntos. Como por exemplo “como aparecem os bebés”. É normal, mas na idade deles percebem sem malícia.” e “Sim. Às vezes é difícil abordar este tema com as crianças, uma vez que não

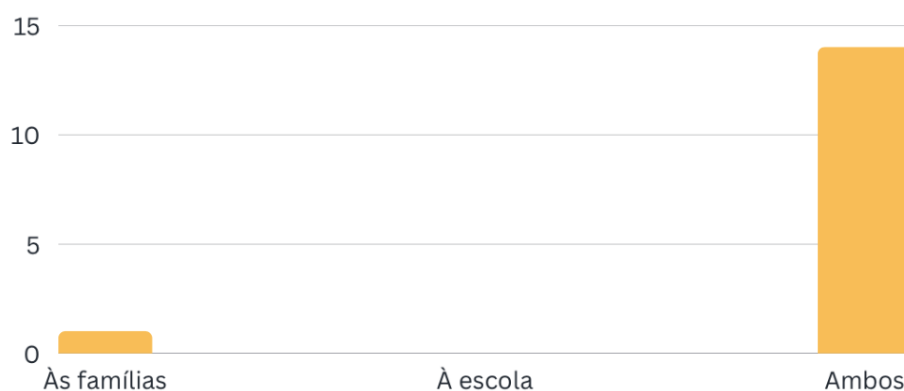
sabemos se estamos a ser bem interpretados por esta.”. A única família a escolher ambas a hipóteses justificou a sua opção com a seguinte resposta “Sim e Não. Não sentimos dificuldade em responder às questões colocadas. A dificuldade prende-se com a altura certa de abordar certas questões.”.

A respeito deste primeiro conjunto de questões, penso que é importante salientar a abertura e a facilidade de praticamente todas as famílias que responderam aos questionários, em abordar questões relacionadas com o tema da Sexualidade com as suas crianças. Além disso, acho interessante que em muitas famílias a iniciativa surja de ambas as partes, demonstra que há confiança e, de certa forma, naturalidade em abordar estas questões, que não devem, nem podem ser descuradas e colocadas de parte.

A questão 2 dispunha de três hipóteses de resposta, “Às famílias”, “À escola” ou “Ambos” para a pergunta “Na sua opinião, a educação em sexualidade compete:”. As respostas obtidas através dos questionários foram as seguintes:

Gráfico 3

Na sua opinião, a educação em sexualidade compete:



As respostas à questão 2.1 são a justificação da resposta à questão 2. A única família que respondeu que a educação em sexualidade compete, apenas, às famílias justificou dizendo “1. Porque são menores de idade. 2. A sexualidade é uma parte da identidade humana que deve ser formada inicialmente pela família. 3. O tema da sexualidade na escola é entregue às ciências sociais e por isso é bastante ideológico. 4. A escola devia/podia oferecer apoio às famílias que assim o desejassem.”. As famílias que responderam que a educação em sexualidade compete a ambos, escola e família, deram

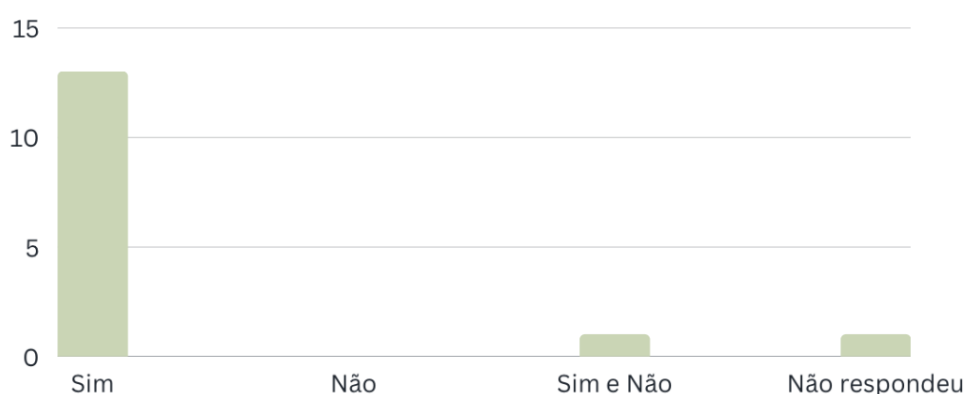
como justificação o seguinte: “Por vezes, a escola tem mais conhecimento sobre os temas. A Família deixa a criança mais segura e confortável.”; “Toda a educação, seja sobre qual for o tema, deve ser um trabalho conjunto.”; “Porque não tem que ser um tabu, porque quanto mais informados estiverem os alunos/crianças melhor lidam com a sexualidade.”; “Porque a escola completa as aprendizagens adquiridas em casa. E nós em casa exploramos assuntos abordados na escola.” e “Pois juntos conseguimos esclarecer melhor as dúvidas que possam existir e as precauções a tomar e respeitar.”.

No que concerne a este segundo conjunto de questões, fico bastante satisfeita em saber que a maioria das famílias defende que a educação em sexualidade pertence tanto às famílias como à escola. Acredito que é essencial que todas as famílias tenham consciência de que deve ser um trabalho conjunto para que os resultados sejam mais eficientes e, como se pode ler nas respostas apresentadas anteriormente, bem como nas restantes que são apresentadas no Apêndice 10, a grande maioria já defende essa mesma premissa.

Acerca da questão 3, “Considera que o/a professor/a deveria promover com as crianças atividades sobre o corpo e a sexualidade?”, as respostas conseguidas foram as seguintes:

Gráfico 4

Considera que o/a professor/a deveria promover com as crianças atividades sobre o corpo e a sexualidade?



Algumas das famílias que escolheram a opção “Sim” na questão anterior, justificaram na questão 3.1 escrevendo o seguinte: “Porque é sempre possível fazer a ligação com os assuntos abordados (que fazem parte dos conteúdos programáticos).”;

“Penso que se torna mais desafiante e interessante falar sobre o assunto com os seus colegas e professor ou enfermeiros. Eles criam atividades muito motivadoras e pedagógicas.” e “Em contexto de grupo existem assuntos que são mais fáceis apreender pela criança. E mais fácil falar sobre esses mesmos assuntos.”. A única família que escolheu ambas as opções na questão anterior, justificou escrevendo “Sim – ciências naturais, anatomia e fisiologia. Não – não sem transparência do currículo, descrição das atividades e o que se procura ensinar.”.

Face a este conjunto de respostas, penso que é notável a confiança que estas famílias têm no trabalho da professora em questão. Não obstante, deve haver a consciência de que esta abordagem não é e não deve ser apenas responsabilidade desta docente e de qualquer outra/o, bom trabalho só é possível de ser feito se as famílias também participarem nele.

Relativamente à última questão deste questionário, antes dos dados pessoais de cada família, “Na sua opinião, que assuntos sobre o corpo e a sexualidade podem ser abordados na Escola? Dê exemplos.”, algumas das respostas obtidas foram as seguintes:

- “Os assuntos devem ser apropriados à idade. Anatomia. Corpos diferentes, valor igual.”
- “Certas partes do corpo não devem ser tocadas por qualquer pessoa. Não se exporem (sem roupa) a quem quer que peça para o fazer.”
- “Por exemplo o porquê de as meninas terem o período, e porquê de terem maminhas. E nos meninos porquê de não acontecer o mesmo. Sexualidade tudo que na idade deles possam entender.”
- “Todos. Mas, nesta fase, é importante falar das transformações no corpo e da puberdade na adolescência.”
- “Sobre a diferença entre os 2 sexos. Os órgãos reprodutores. O respeito que devemos ter pelo nosso corpo e pelo dos outros. O namoro (ainda que possa ser uma abordagem mais superficial, nestas idades).”

Face a este conjunto de respostas e considerando todas as outras que aqui não foram apresentadas, mas que podem ser lidas no Apêndice 10, os assuntos que mais estão em

conformidade são as alterações do corpo com o crescimento, o cuidado com aproximações abusivas e o respeito pelo próprio e pelo outro.

Realço que ao longo da análise do “Questionário às famílias”, as respostas às questões de resposta aberta não foram todas apresentadas, apenas apresentei aquelas que considerei mais relevantes. As restantes respostas podem ser lidas no Apêndice 10, como já foi referido anteriormente, ao longo da análise.

No que diz respeito aos dados pessoais das famílias que responderam aos questionários, considero curioso o facto de que a maioria das respostas foram dadas unicamente pelas mães das crianças, apenas três pais responderam e apenas um questionário foi preenchido, em conjunto, pela mãe e pelo pai da criança. Relativamente ao nível de escolaridade do/a familiar, grande parte não respondeu a esta pergunta e os restantes indicaram uma das seguintes opções: 9º ano, 10º ano, ensino secundário/12ºano, licenciatura ou mestrado. Quando à idade do/a familiar a maioria tem entre 35 e 40 anos, um familiar tem entre 30 e 34 anos e seis familiares têm mais de 40 anos. No que respeita à idade da criança, dez têm 8 anos e cinco, 9 anos.

3.5.2 Questionários às crianças

Após o término da análise dos questionários às famílias, decidi passar à leitura dos questionários realizados às crianças após a intervenção realizada (Apêndices 12 e 13), como foi referido no início do capítulo anterior.

Responderam aos questionários 17 crianças das 18 que participaram no estudo.

A primeira questão, mais prática, tinha como objetivo perceber se, com todas as sessões realizadas, as crianças tinham ganhado consciência de que meninos e meninas apenas se distinguem à nascença pelo sexo e, ao longo da vida, pelas várias opções que vão tomando para si próprias. Assim sendo, depois de observar os desenhos realizados, perceciono que a maioria das crianças da turma desenhou meninos e meninas muito idênticos, em que a única coisa que os distingue é o cabelo, como se pode observar na figura 3. Contudo, duas crianças da turma, além de terem diferenciado os dois corpos pelo cabelo, diferenciaram-nos também através dos órgãos genitais, visível na figura 4.

Figura 3

Desenho de um menino e de uma menina apenas distinguidos pelo cabelo



Figura 4

Desenho de um menino e de uma menina distinguidos pelo órgão genital e pelo cabelo



Relativamente à questão 2 “Que alterações ocorrem nos corpos das meninas e dos meninos quando crescem? Enumera 5 para cada um.”, nenhuma criança conseguiu responder completamente à questão, uma vez que umas se focaram mais num dos sexos ou, noutros casos, o que responderam não estava de acordo com o que tinha sido abordado nas sessões. Ainda assim, surgiram respostas interessantes, que tiveram em conta o que foi mencionado nas sessões, bem como as conceções que as próprias crianças já tinham e conhecimentos que construíram através de outras fontes. As respostas a esta questão podem ser lidas na totalidade no Apêndice 11, mas considero importante destacar as seguintes:

- “As mamas as partes intimas o cabelo o que vestem e a forma que falam.”
- “1: é um menino
2: cresce um bocado e começa a ganhar pelos e outras coisas
3: cresce mais um bocado e começa a crescer barba e começa a crescer pelos mas maior do que antes
4: começam a ficar mais velhos com barba grande e com os pelos também grandes
5: começam a envelhecer e tornam-se avôs ou avós.”
- “Nos meninos ocorrem o crescimento, os pelos, a parte intima, o crescimento do cabelo e o bigode e as meninas o crescimento do cabelo, os pelos, e a parte intima, e também o crescimento, e algumas meninas têm bigode e os braços.”
- “H, força, pelos, cabelo, bigode e vos grave. M, cabelo, mamas, pelos, gravides e piriudo.”

No que diz respeito à terceira questão “Coloca as profissões, atividades/tarefas, jogos e brinquedos que estão nas tabelas, na coluna que consideras mais adequada.”, constata-se nas respostas ter havido algumas crianças que perceberam a mensagem (Figuras 5 e 6) e outras, como a das figuras 7 e 8, denotam que, numa grande parte das crianças, prevalecem estereótipos referentes às profissões para homens e às profissões para mulheres.

Figura 5

Exemplo de resposta de criança que compreendeu a mensagem

2. Coloca as profissões, atividades/tarefas, jogos e brinquedos que estão nas tabelas, na coluna que consideras mais adequada.

Profissões				
Jardineiro	Advogado	Polícia	Bombeiro	Terapeuta
Cozinheiro	Florista	Gestor	Pescador	Sapateiro
Homem	Mulher	Ambos		
		Jardineiro Advogado Polícia Bombeiro Terapeuta Cozinheiro Florista Gestor Pescador Sapateiro		

Figura 6

Continuação da resposta da figura anterior

Atividades/Tarefas		
Limpar a casa	Cozinhar	Jogar PlayStation
Passar a ferro	Lavar a loiça	Cuidar das plantas
Cuidar dos animais	Jogar computador	Jogar Voleibol
Jogar Futebol		
Homem/Menino	Mulher/Menina	Ambos
		limpar a casa cozinhar jogar playstation jogar futebol jogar voleibol jogar a loiça cuidar das plantas cuidar dos animais jogar computador

Jogos e Brinquedos		
Jogar Monopólio	Jogar UNO	Brincar com barbies
Brincar com pistas de carros	Montar Puzzle	Jogar batalha naval
Jogar Xadrez	Brincar com ferramentas	Jogar a macaca
Menino	Menina	Ambos
		jogar monopólio jogar UNO brincar com barbies brincar com pistas de carros brincar com ferramentas montar puzzle jogar batalha naval jogar xadrez brincar com macaca

Figura 8

Continuação da resposta da figura anterior

Figura 7

Exemplo de criança que não compreendeu a mensagem

2. Coloca as profissões, atividades/tarefas, jogos e brinquedos que estão nas tabelas, na coluna que consideras mais adequada.

Profissões				
Jardineiro	Advogado	Polícia	Bombeiro	Terapeuta
Cozinheiro	Florista	Gestor	Pescador	Sapateiro
Homem	Mulher	Ambos		
bombeiro pescador terapeuta	florista sapateiro cozinheiro	jardineiro advogado polícia gestor		

Atividades/Tarefas		
Limpar a casa	Cozinhar	Jogar PlayStation
Passar a ferro	Lavar a loiça	Cuidar das plantas
Cuidar dos animais	Jogar computador	Jogar Voleibol
Jogar Futebol		
Homem/Menino	Mulher/Menina	Ambos
jogar computador jogar futebol jogar playstation		cozinhar lavar a loiça cuidar dos animais jogar voleibol cuidar das plantas

Jogos e Brinquedos		
Jogar Monopólio	Jogar UNO	Brincar com barbies
Brincar com pistas de carros	Montar Puzzle	Jogar batalha naval
Jogar Xadrez	Brincar com ferramentas	Jogar a macaca
Menino	Menina	Ambos
brincar com pistas de carros brincar com ferramentas	brincar com barbies	montar puzzle brincar com barbie jogar uno jogar monopólio jogar xadrez jogar batalha naval jogar a macaca

Na quarta questão “Assinala com X a opção que consideras mais adequada para cada umas das partes do corpo apresentadas.”, as respostas foram bastante positivas, salvo raras exceções que não consideram certas partes do corpo tão íntimas quanto a generalidade das crianças, como é visível nas figuras 7 e 8.

Figura 9*Exemplo de resposta à questão 3*

3. Assinala com X a opção que consideras mais adequada para cada uma das partes do corpo apresentadas.

	Qualquer um pode tocar	Só eu posso tocar
Cabelo	X	
Joelho	X	
Antebraço	X	
Vulva		X
Boca		X
Braço	X	
Pénis		X
Mãos	X	
Braço	X	
Mamas		X

Figura 10*Exemplo de resposta à questão 3*

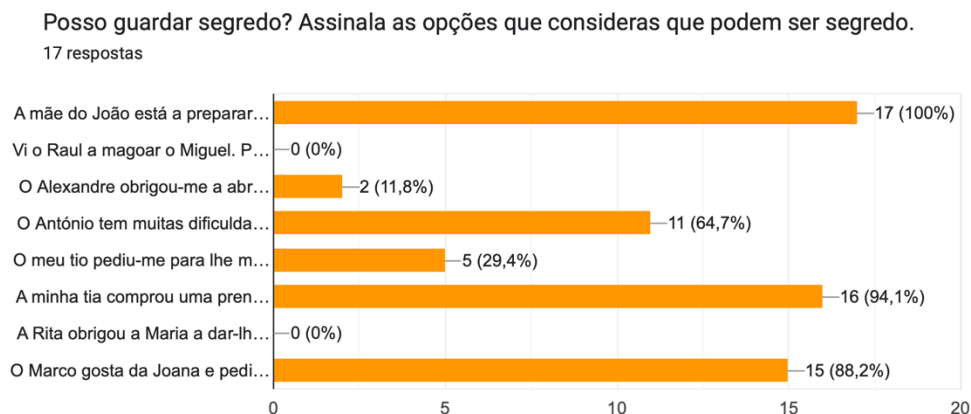
3. Assinala com X a opção que consideras mais adequada para cada uma das partes do corpo apresentadas.

	Qualquer um pode tocar	Só eu posso tocar
Cabelo	X	
Joelho	X	
Antebraço	X	
Vulva		X
Boca	X	X
Braço	X	
Pénis		X
Mãos	X	
Braço	X	
Mamas		X

Tal como na quarta questão, a quinta “Posso guardar segredo? Assinala as opções que consideras que podem ser segredo.”, as respostas revelam que as crianças compreenderam a mensagem. Apenas em duas das situações apresentadas (que não eram para ser assinaladas), algumas crianças o fizeram. Na primeira situação duas crianças fizeram-no e não consigo encontrar algo que o possa justificar, já quanto à segunda situação “O meu tio pediu-me para lhe mostrar as minhas partes íntimas. Posso guardar segredo?”, acredito que as crianças que o fizeram pensaram nos seus próprios familiares e não acreditam que o tio seja uma pessoa que as vá colocar numa situação de perigo.

Gráfico 5

Respostas à questão 5 do "Questionário de avaliação após intervenção"

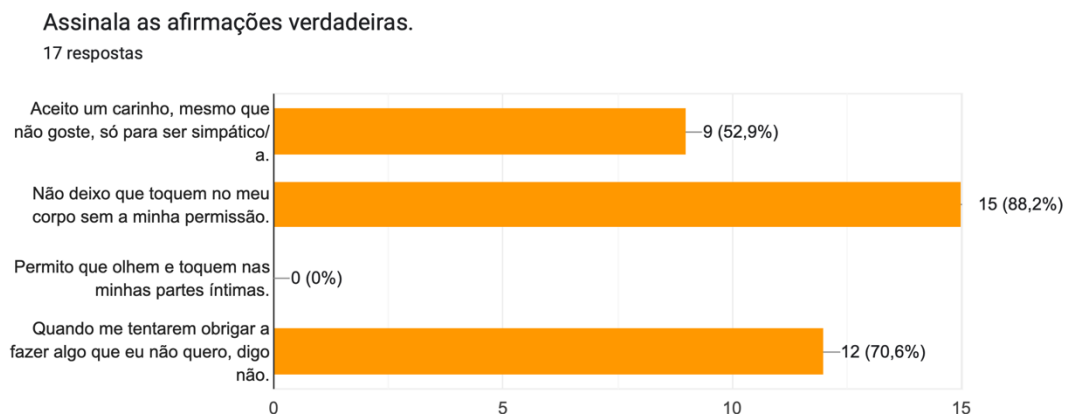


Em relação à questão 6, “Se um segredo me deixa triste o que devo fazer?”, as respostas dadas pela grande maioria das crianças dividem-se entre “Contar a um adulto.” e “Devo dizer a alguém de confiança.”. Contrariamente, em relação à questão 7, “Se um segredo me deixa feliz o que devo fazer?”, as respostas mais escritas pelas crianças foram “Devo guardar segredo” ou “Ficar alegre.”, por vezes, por outras palavras, em ambas as questões.

Para terminar este questionário, a questão 8, “Assinala as afirmações verdadeiras.”, das quatro afirmações apresentadas, uma não foi assinalada por ninguém e as restantes três foram assinaladas por um elevado número de crianças. Relativamente à primeira afirmação, não devia ter sido assinalada, contudo, considero pode ter acontecido tendo em consideração a experiência pessoal de cada criança, talvez já o tenham feito e, por esse motivo não veem qualquer problema quando acontece. Apesar disso, trata-se de uma afirmação incorreta.

Gráfico 6

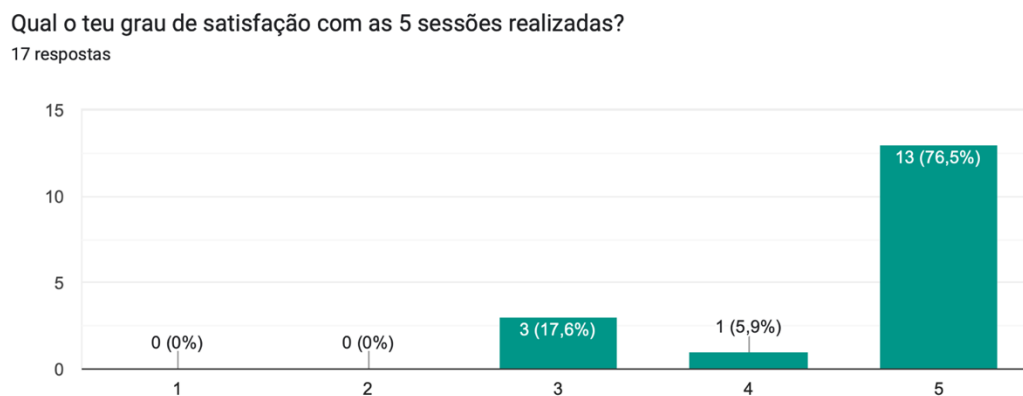
Respostas à questão 8 do "Questionário de avaliação após intervenção"



Quanto ao "Questionário de Satisfação" preenchido pelas crianças (n=17), verifica-se que, na generalidade, as respostas foram bastante positivas e agradáveis. Logo na primeira questão, "Qual o teu grau de satisfação com as 5 sessões realizadas?", as crianças tinham de escolher de 1 a 5 o seu nível de satisfação, sendo que 1 indicava "pouco satisfeito/a" e 5 "muito satisfeito/a". Como é possível observar no gráfico 7, abaixo apresentado, a maioria das crianças respondeu estar muito satisfeita com o conjunto de sessões realizadas. É de salientar também, que apesar de existirem crianças que não se sentiram tão satisfeitas quanto a maioria, não há nenhuma resposta de nível 1 ou 2, mais negativa.

Gráfico 7

Respostas à questão 1 do "Questionário de Satisfação"



Sobre a questão 2, apesar de esta ser apresentada num gráfico no Apêndice 13, as respostas não são totalmente perceptíveis e por esse motivo optei por fazer o seu levantamento. Assim sendo, a sessão que as crianças mais gostaram foi a quinta, com 6 votos, seguiu-se a terceira, com 3 votos, depois a segunda, com 2 votos e, por fim, a primeira e a quarta, ambas com apenas um voto cada uma. Já quanto aos temas que mais gostaram, apenas 4 crianças fizeram essa referência e as respostas obtidas foram as seguintes:

- “conhecer o corpo”
- “corpo humano”
- “saber mais sobre as pessoas”
- “os sexos”.

Quando questionadas do porquê das respostas dadas na questão anterior, algumas das justificações foram:

- “foi fixe ouvir a história e aprender as musicas do segredo mau e bom”
- “porque gostei de ouvir a história e de realizar a sessão”
- “Porque gostei da nossa conversa”
- “Porque essa sessão fez-me aprender mais.”
- “aprendi o semáforo do toque.”

Já no que toca à questão 4, “Qual foi a sessão/tema que menos gostaste?”, as respostas foram também muito positivas. Igualmente à questão 2, no Apêndice 13 as respostas são apresentadas em gráfico, mas de forma não perceptível e, por esse motivo, faço novamente o seu levantamento. Uma das crianças não gostou de nenhuma sessão, 3 crianças não gostaram da primeira sessão, 1 criança não gostou da segunda sessão, 2 crianças não gostaram da quinta sessão e 10 crianças responderam que gostaram de todas as sessões.

Sobre as justificações obtidas face à questão anterior, constata-se que algumas revelam a indecisão na escolha da que menos gostaram, outras algum descontentamento para com o trabalho dos/as colegas e outras o motivo do descontentamento, por exemplo:

- “Por que tinha se de desenhar pessoas sem roupa e gozaram do meu trabalho...”
- “porque todos nós aprendemos um bocadinho”
- “Porque gostei de todas.”
- “porque todas foram divertidas e fizeram-me aprender mais sobre o corpo humano”
- “Fiquei a apanhar seca.”
- “porque não gostei do livro”
- “Não consigo escolher”
- “porque um colega me desenhou mal”

No que diz respeito à última questão deste questionário, questão 6, “O que aprendeste nestas sessões?”, as respostas de algumas crianças foram perdidas e, por esse motivo, apenas consegui recuperar 7 das 17 respostas dadas. No entanto, das respostas recuperadas, todas destacam aprendizagens que foram realizadas ao longo das sessões, e isso é um indicador bastante positivo do seu sucesso. Das 7 respostas, destaco 4, sendo que as restantes podem ser lidas no Apêndice 13:

- “aprendi que não á brinquedo, roupas, etc. para meninos e meninas.”
- “Aprendi nomes de coisas do corpo que não conhecia.”
- Aprendi novas partes do corpo e aprendi a cuidar do meu corpo.”
- “Que há muitas coisas por aprender ainda sobre este tema.”

Em síntese:

A análise realizada às respostas facultadas pelas famílias nos questionários, permitiu concluir que grande parte já aborda questões ligadas com a sexualidade com as suas crianças e que, em muitos casos, a iniciativa não parte só de um lado, mas de ambos. Os temas que as famílias apresentaram que abordam com as suas crianças são, na sua maioria, temas que devem ser abordados com crianças desta faixa etária, alguns deles bastante complexos, como é o caso da reprodução ou da prevenção do abuso sexual, ainda que refiram fazê-lo de uma forma indireta. No que concerne à dificuldade sentida pelas famílias em abordar a temática da sexualidade, as respostas foram maioritariamente positivas, ou seja, não sentem dificuldades.

Relativamente à abordagem da sexualidade ser uma responsabilidade da família ou da escola, as famílias, na sua maioria, concordam que é uma abordagem que compete a ambos, pois as aprendizagens devem ser realizadas tanto na família, quanto na escola uma vez que são da responsabilidade de ambos.

No que se refere às sessões e às respostas obtidas nos questionários realizados às crianças, é possível observar que houve, de facto, muitas aprendizagens na maioria das crianças da turma dentro dos vários temas abordados, ainda que muitas não se tenham apercebido da importância e não tenham noção da complexidade de alguns dos temas abordados.

Quanto à entrevista realizada à professora cooperante, os resultados obtidos foram bastante pertinentes.

A primeira questão colocada foi “O que pensa sobre a abordagem do corpo e da sexualidade no 1º Ciclo? E porquê?”

A análise à resposta permite perceber que a professora considera que o tema é importante e transversal a qualquer nível de ensino, adequado, evidentemente, à idade das crianças em questão. A professora considera que no 1º Ciclo é ainda mais importante pois

“eles começam a descobrir o seu corpo e às vezes têm alguns receios ou algumas dúvidas que não conseguem colocar em casa e que se calhar aqui na escola conseguem mais facilmente não ter essa vergonha e falar com o professor ou com alguém”. (Apêndice 11)

Relativamente à segunda questão colocada, “Durante a sua prática já alguma vez abordou esta temática com as crianças? Se sim, que assuntos é que abordou?”, a professora cooperante respondeu afirmativamente, no entanto os temas abordados vão ao encontro do que está apresentado nos manuais escolares. Já quanto à terceira questão, “Considera que as temáticas abordadas ao longo das sessões por mim realizadas foram adequadas para desenvolver com as crianças? Porquê?”

Com análise da resposta a esta questão é possível perceber que a professora considerou adequados os temas selecionados, destacando ainda que

“eles estavam sempre muito expectantes o que é que iam... o que é que iriam abordar... penso que é muito pertinente, porque eles se já tinham ouvido ou veem algumas imagens, mas depois nem sempre corresponde, ou havia aqueles nomes que eles não sabiam e só tiveram contacto este ano e... e isso tornou todas estas sessões cada vez mais motivadoras para eles”. (Apêndice 11)

Quanto à última questão, “Na sua prática profissional já teve conhecimento ou lidou com alguma situação relacionada com abuso sexual e/ou aproximação abusiva de crianças? Como lidou com a situação, pode explicar?”

Com a análise da resposta compreende-se que a professora nunca lidou com uma situação como a descrita na questão, contudo destaca a importância do diálogo e da relação entre os alunos/as e as pessoas adultas, caso uma situação destas ocorresse fosse mais fácil identificá-la e resolvê-la dizendo:

“acho que cada vez mais, através do diálogo e através destas sessões, penso que as crianças são... se sentem mais à vontade para falar connosco e veem o adulto ou o professor como alguém com quem devem falar ou confiar... e é isso que nós dizemos desde o primeiro momento que estamos com eles, por isso eu acho que isso é o primeiro ponto e é talvez o aspecto-chave para se houvesse alguma coisa para eles virem ter connosco e falarem”. (Apêndice 11)

As respostas obtidas na entrevista possibilitam a compreensão que a professora cooperante dá à temática da sexualidade e a sua disponibilidade para abordá-la com as

crianças das suas turmas. Além disso, revelam a preocupação em criar e preservar boas relações com os/as seus/suas alunos/as, mantendo a proximidade necessária para, caso aconteça algo, se sintam à vontade para expor as suas preocupações.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do relatório final, desde as leituras realizadas, à idealização, planificação e execução das sessões com as crianças bem como a escrita do relatório em si, permitiram-me compreender que abordar a temática da sexualidade com crianças do 1º CEB é uma necessidade, não só por lhes possibilitar aprender sobre esta temática, mas também por lhes permitir ganhar consciência de alguns perigos e de alguns cuidados a ter em conta ao longo da sua vida.

Vivemos num mundo onde as informações estão disponíveis de forma facilitada, principalmente através dos *media*. Contudo, sabemos de antemão, que nem tudo o que se lê, vê ou ouve é completamente verídico. Se as pessoas adultas, muitas vezes não conseguem identificar a veracidade das informações que lhes são expostas, provavelmente as crianças também não o conseguirão fazer e, num tema tão importante e delicado como é o da sexualidade, importa que as crianças tenham contacto com informações fidedignas e que lhes permitam ter um maior conhecimento da realidade. A este respeito os/as professores/as e as famílias têm um papel fundamental: o de proporcionar às crianças, uma educação sexual com qualidade, dotando-as de conhecimentos necessários para que cresçam informadas e conscientes de tudo aquilo que a sexualidade envolve.

Considerando os objetivos propostos a dar resposta com o estudo realizado, relativamente ao primeiro objetivo, “Auscultar a opinião das famílias e da professora cooperante relativamente à Educação em Sexualidade no 1º CEB.” é possível perceber que no contexto em que este estudo decorreu, a maioria das famílias é da opinião que a educação em sexualidade deve ser abordada na escola, pela professora responsável pela turma, mas também em casa, pelas famílias. São também da opinião que ambos os contextos devem ser uma continuação do outro, no sentido em que o que é aprendido num deles deve ser tido em consideração no outro e, por vezes, aprofundado se necessário. Com a realização dos questionários, foi possível perceber que muitas das famílias referem não sentir dificuldade em abordar esta temática com as crianças, e quando a sentem, prende-se com o receio de não ter conhecimentos suficientes para esclarecer as dúvidas que eventualmente surjam.

A professora cooperante mostrou sempre entusiasmo quando confrontada com a questão de ser desenvolvido um estudo desta natureza e dentro desta temática com a

sua turma. Desde logo se prontificou a apoiar no que fosse preciso, e a participar no estudo se necessário, o que se veio a verificar a meio da intervenção, com a realização de uma entrevista, na qual demonstra a sua preocupação relativamente à abordagem desta temática junto das crianças do 1º CEB, tendo em conta a fase de desenvolvimento em que se encontram. Revela, ainda, o seu agrado com a intervenção realizada, uma vez que despoletou curiosidade nas crianças relativamente ao que iam desenvolver em cada uma das sessões e lhes permitiu aprender designações e alterações no corpo que até então ainda não tinham tido contacto. É de salientar que a professora esteve sempre ao corrente de tudo o que se ia realizar durante as sessões, dando o seu parecer sempre que necessário e disponibilizando-se para auxiliar na dinâmica das sessões caso fosse importante.

Relativamente ao segundo objetivo proposto “Diagnosticar ideias de crianças do 3º ano de escolaridade sobre Sexualidade.”, o mesmo foi respondido com a primeira sessão, uma sessão de diagnóstico que me permitiu perceber quais os conhecimentos prévios das crianças sobre o tema da sexualidade. Depois de realizar algumas perguntas e de dialogar com a turma, acabei por perceber que estes ligavam a sexualidade apenas ao sexo (que já tinham ouvido falar, mas não sabiam bem o que era), aos sexos masculino e feminino e ao nascimento dos bebés. A partir daqui, e apesar de já ter todas sessões planeadas, tentei adaptá-las de forma a desconstruir as ideias prévias que tinham. Desta forma, da segunda à quinta sessão, abordei temas desde as diferenças entre corpos do mesmo sexo e corpos de sexos diferentes, as partes do corpo e as alterações que nele ocorrem com o crescimento, as ideias de género, focando na sua desconstrução e a prevenção do abuso sexual, ainda que de forma muito subtil e indireta. As seis sessões realizadas permitiram-me dar resposta ao terceiro e último objetivo “Desenvolver e avaliar uma intervenção com crianças do 3ºano/1º CEB que atenda a questões significativas na abordagem da Sexualidade.”

A meu ver, a realização deste estudo foi muito positiva e destaco, desde já, a realização das sessões com as crianças. A proximidade tida com elas e com o contexto no qual estão inseridas permitiu-me, enquanto professora estagiária, realizar e promover as sessões de uma forma muito natural e dinâmica. Além disso, destaco também a disponibilidade e a prontidão das famílias em participar no estudo sobre um tema

delicado, que muitas vezes não querem abordar, não por falta de conhecimentos, mas por não conseguirem veicular aos/às educandos/as opiniões devidamente fundamentadas (Sampaio et al., 2007).

Apesar da participação de todos/as os/as intervenientes neste estudo ter sido imediata e de ter sido uma mais-valia, devemos refletir que esta é apenas uma pequena amostra e que em muitos dos estabelecimentos de ensino português desde a educação pré-escolar ao ensino secundário e em muitas das famílias, este não é um tema abordado com tanta frequência como deveria. Resta-me apenas questionar o porquê de não acontecer. Será que os/as educadores/as e os/as professores/as não se sentem suficientemente capazes para dinamizar sessões sobre sexualidade com as crianças? Será que os/as educadores/as e professores/as não têm formação suficiente para disponibilizar estes conhecimentos? Será que não têm tempo suficiente? Será que não se sentem à vontade? Será que consideram que a abordagem deste tema é apenas da responsabilidade das famílias? Será que nas famílias portuguesas este tema ainda é tabu? Será que as famílias têm conhecimentos suficientes e se sentem seguras em veiculá-los às crianças?

Todas estas questões têm resposta, no entanto, uma vez que este estudo estava limitado apenas a um grupo de 18 crianças, não me é possível generalizá-lo, sendo esta uma das limitações do estudo. Outra das limitações a mencionar foi o tempo das sessões com as crianças que, a meu ver, se fosse mais teria conseguido aprofundar as temáticas abordadas, abordar e desenvolver outras temáticas com as crianças e teria conseguido responder de forma mais detalhada a várias dúvidas que então surgiram. Numa investigação futura, penso que seria interessante aumentar a amostra e diversificá-la relativamente ao local e ao contexto, de forma a ser possível perceber se os resultados se alteram de forma significativa tendo em conta esses dois fatores.

As questões de partida “O que pensam as famílias e a professora cooperante sobre a abordagem da educação em sexualidade no 1º CEB?” e “De que forma a educação em sexualidade pode ser abordada com crianças do 3º ano de escolaridade?” foram respondidas com sucesso, apesar de ser apenas apresentada uma abordagem entre muitas outras possíveis. A proposta de intervenção planeada tinha três objetivos que, na minha opinião, foram cumpridos com sucesso. Destaco que esta é uma temática que tem

muita importância em todas as idades e em todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário e, por este motivo, não se deve descurar a educação em sexualidade no meio familiar, nos jardins de infância e nas escolas. Desta forma, é importante que as famílias tenham acesso aos conhecimentos, para poderem veiculá-los, e é importante que os/as educadores/as e professores/as tenham uma formação contínua e atualizada relativamente a este tema, a fim de poderem intervir eficazmente nos contextos onde exercem a sua atividade.

É possível concluir que a sexualidade é abordada por alguns/algumas docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico, no entanto, essa ainda não é uma realidade em todas as escolas do país. A meu ver, creio que a desmitificação de alguns assuntos e realidades e a formação contínua docente, pode ser um bom princípio para a mudança, bem como a promoção de documentos de referência já existentes como por exemplo, o Referencial de Educação para a Saúde e a legislação em vigor, anteriormente referida.

A realização do relatório permitiu-me rever, aprofundar e construir novos conhecimentos acerca deste grande tema que é a sexualidade, bem como alterar a minha perspetiva relativamente a alguns ideias preconcebidas. Considero que todo o processo de investigação e de concretização foi bastante importante não só a nível pessoal, mas também profissional por me possibilitar ter uma visão mais ampla e um pensamento mais aberto, que acredito me permitirá facultar aos/às futuros/as alunos/as o que eu não tive enquanto aluna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, A. (s.d.). *Porque é que é importante falar de educação sexual e contraceção?* Escola Virtual. <https://www.escolavirtual.pt/Blogue/Artigos/porque-e-que-e-importante-falar-de-educacao-sexual-e-contracecao.htm>
- Alves, A., Nascimento, A., Ulhôa, A., Batista, B., Capela, C., Venturine, C., Rodrigues, D., Moreira, E., Silva, F., Ribeiro, E., Demba, J., Lapa, L., Mota, M., & Silva, P. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*. (1ª edição). UA Editora, Universidade de Aveiro e Serviços de Documentação, Informação Documental e Museologia. <https://doi.org/10.34624/ka02-fq42>
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (2ª edição). Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Antunes, R. (2020). Inquérito: Tipos de respostas. *Sondagens e Estudos de Opinião*. <https://sondagenseestudosdeopiniao.wordpress.com/questionarios/tipo-de-respostas/>
- Associação para o Planeamento da Família (APF). (s.d.). *Educação Sexual*. <https://apf.pt/informacao-tematica/educacao-sexual/>
- Associação para o Planeamento da Família. (2023). *Educação Sexual*. <https://apf.pt/informacao-tematica/educacao-sexual/>
- Carvalho, A., Matos, C., Minderico, C., Almeida, C. T., Abrantes, E., Mota, E., Nunes, E., Amann, G. P., Lopes, I., Bettencourt, J., Ribeiro, J. P., Ladeiras, L., Durval, M., Martins, M., Narigão, M., Frango, P., Leal, P., Graça, P., Melo, R., & Lima, R. M. (2017). *Referencial de Educação para a Saúde*. Ministério da Educação – Direção-Geral da Educação e Direção-Geral de Saúde. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/referencial_educacao_saude_vf_junho2017.pdf
- Carvalho, C. S. (2008). *Guia de Educação da Sexualidade*. Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã
- Direção-Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 1º ano*. Direção-Geral da Educação.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/referencial_educacao_saude_vf_junho2017.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 2º ano*.

Direção-Geral da Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/2_estudo_do_meio.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 3º ano*.

Direção-Geral da Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio – 4º ano*.

Direção-Geral da Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf

Ferreira, C. (2015). Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. *Revista Mosaico*. Vol. 8 (No 2), página 116.

Haffner, D. W. (2005). *A Crianças e a Educação Sexual*. (1ª Edição). Editorial Presença

Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*. Vol. 15. (No 1)

Oliveira, J., Oliveira, A., Morais, F, Silva, G., & Silva, C. (s.d.). *O Questionário, o Formulário e a Entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em Ciências Humanas* [Paper presentation]. III CONEDU – Congresso Nacional de Educação, Rio Grande do Norte.

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV05_6_MD1_SA13_ID8319_03082016000937.pdf

OMS. (2015). *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Organização Mundial da Saúde.

<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>

- Pereira, M. M. (2006). *Guia de educação sexual e prevenção do abuso*. (1ª ed). Pé de Página Editores Lda
- Porto Editora. (2023). *Gónada*. Infopédia – Dicionários Porto Editora. [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$gonada](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$gonada)
- Ribeiro, T. T. (2006). *Educação da Sexualidade na Escola: um Treino de Competências*. Casa do Professor
- Robert, J. (2003). *Não te deixes levar*. (1ª ed). Dinalivro
- Santos, J., & Henriques, S. (2021). *Inquérito por Questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta 2021. <https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>
- Silva, L., & Russo, R. (2019). Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. *Revista de Gestão e Projetos*. Vol. 10 (No 1), páginas 2-3.
- Sampaio, D., Baptista, M. I. C. A. M., Matos, M. G., & Silva, M. O. (2007). *Relatório Final*. Grupo de Trabalho de Educação Sexual. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/relatorio_final_gtes.pdf

Legislação

- Decreto-Lei nº 259/2000 do Ministério da Educação. (2000). Diário da República: I Série A, nº 240/2000. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/259-2000-532461>
- Despacho nº 2506/2007 do Ministério da Educação. (2007). Diário da República: II Série, nº 36/2007. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/2506-2007-1659186>
- Lei nº 120/99 da Assembleia da República. (1999). Diário da República: I Série A, nº 186/1999. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/120-1999-423065>
- Lei nº 60/2009 da Assembleia da República. (2009). Diário da República: I Série, nº 151/2009. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/60-2009-494016>

Portaria nº 196-A/2010 dos Ministérios da Saúde e Educação. Diário da República: I Série, nº 69/2010. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/196-a-2010-388625>

Despacho nº 7247/2019 da Presidência do Conselho de Ministros e Educação – Gabinetes da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação. Diário da República: II Série, nº 156/2019. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/7247-2019-123962165>

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário realizado às famílias das crianças da turma

Questionário às famílias

Este questionário insere-se no âmbito do estágio no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, que me encontro a realizar na Escola Superior de Educação de Coimbra, sobre a abordagem da sexualidade com crianças. O seu contributo é muito importante. Os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins investigativos, sendo garantido o anonimato.

1. Costuma abordar com o/a seu/sua educando/a assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade?

Sim____ Não____

- 1.1 Se sim, de quem parte a iniciativa?

Da criança____ Da família____

- 1.2 Dê exemplos de assuntos que aborda com o/a seu/sua educando/a.

- 1.3 Sente dificuldades em abordar assuntos relacionados com o corpo e a sexualidade com o/a seu/sua educando/a?

Sim____ Não____

Porquê?

2. Na sua opinião, a educação em sexualidade compete:

Às famílias ____ À escola ____ Ambos ____

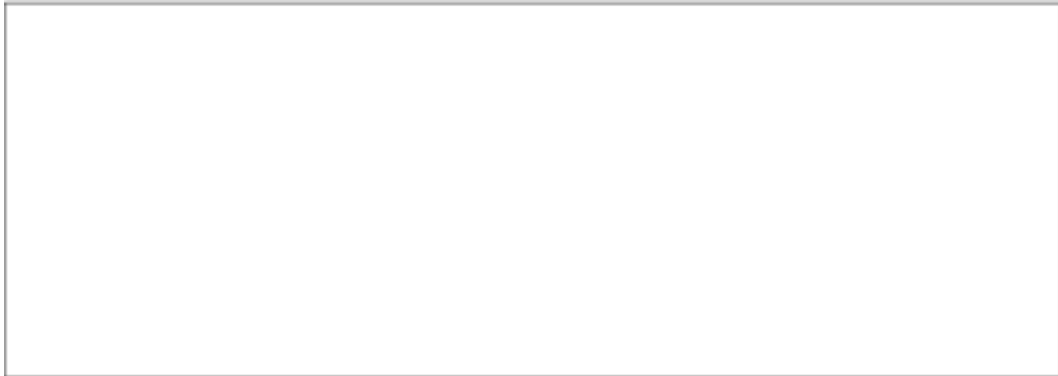
2.1 Porquê?

3. Considera que o/a professor/a deveria promover com as crianças atividades sobre o corpo e a sexualidade?

Sim ____ Não ____

3.1 Porquê?

4. Na sua opinião, que assuntos sobre o corpo e a sexualidade podem ser abordados na Escola? Dê exemplos.



DADOS PESSOAIS

Relação de parentesco:

Mãe ____ Pai ____ Avó ____ Avô ____ Outro: Qual? _____

Nível de escolaridade do/a familiar:

Idade do/a familiar:

Menos de 25 anos ____

Entre 25 e 29 anos ____

Entre 30 e 34 anos ____

Entre 35 e 40 anos ____

Mais de 40 anos ____

Idade da criança:

7 anos ____ 8 anos ____ 9 anos ____ 10 anos ____

Agradeço a sua colaboração!

Marta Inês Costa

Apêndice 2 – “Questionário de avaliação após a intervenção” realizado às crianças, preenchido no *Google Forms*

Questionário de avaliação após a intervenção

A realização deste questionário tem como principal objetivo perceber quais os conhecimentos que adquiriste ao longo das cinco sessões sobre a sexualidade, realizadas pela estagiária Marta.

Responde às questões que se seguem de forma individual e tendo em conta os teus conhecimentos e aquilo que aprendes. É obrigatório responder a todas as questões!

martainesribeirodacosta26@gmail.com [Mudar de conta](#)

 Não partilhado

*** Indica uma pergunta obrigatória**

Faz um desenho de um menino e de uma menina. *

☐ Feito

Que alterações ocorrem nos corpos das meninas e dos meninos quando crescem? Enumera 5 para cada um/uma. *

A sua resposta

As meninas e os meninos distinguem-se pelas brincadeiras ou atividades que realizam? *

☐ Feito

Só eu posso tocar vs Qualquer pessoa pode tocar *

☐ Feito

Posso guardar segredo? *

Assinala as opções que consideras que podem ser segredo.

- ☐ A mãe do João está a preparar-lhe uma festa surpresa. Posso guardar segredo?
- ☐ Vi o Raul a magoar o Miguel. Posso guardar segredo?
- ☐ O Alexandre obrigou-me a abraçá-lo contra a minha vontade. Posso guardar segredo?
- ☐ O António tem muitas dificuldade a Estudo do Meio. Posso guardar segredo?
- ☐ O meu tio pediu-me para lhe mostrar as minhas partes íntimas. Posso guardar segredo?
- ☐ A minha tia comprou uma prenda ao meu primo José e não quer que ele saiba. Posso guardar segredo?
- ☐ A Rita obrigou a Maria a dar-lhe o seu lanche. Posso guardar segredo?
- ☐ O Marco gosta da Joana e pediu-me para não lhe contar. Posso guardar segredo?

Se um segredo me deixa triste o que devo fazer? *

A sua resposta

Se um segredo me deixa feliz o que devo fazer? *

A sua resposta

Assinala as afirmações verdadeiras. *

- ☐ Aceito um carinho, mesmo que não goste, só para ser simpático/a.
- ☐ Não deixo que toquem no meu corpo sem a minha permissão.
- ☐ Permito que olhem e toquem nas minhas partes íntimas.
- ☐ Quando me tentarem obrigar a fazer algo que eu não quero, digo não.

Enviar

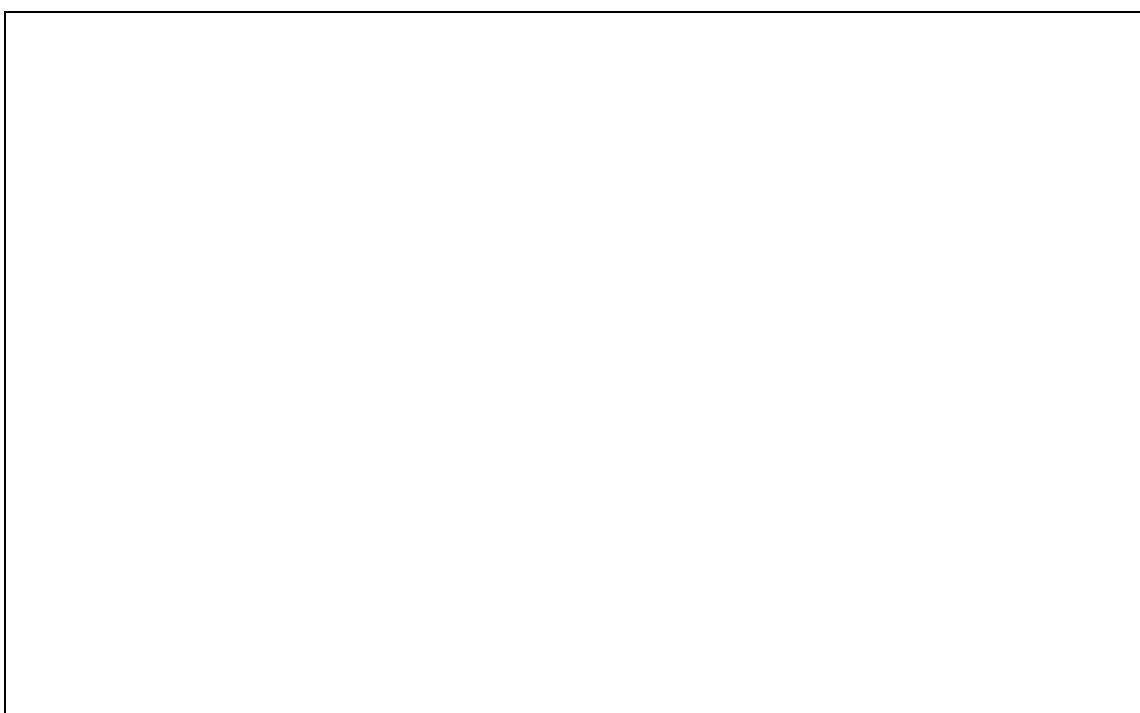
Limpar formulário

**Apêndice 3 - “Questionário de avaliação após a intervenção” realizado às crianças,
preenchido em papel**

Questionário de avaliação após a intervenção

Nome: _____

1. Faz um desenho de um menino e de uma menina.



2. Coloca as profissões, atividades/tarefas, jogos e brinquedos que estão nas tabelas, na coluna que consideras mais adequada.

Profissões				
Jardineiro	Advogado	Polícia	Bombeiro	Terapeuta
Cozinheiro	Florista	Gestor	Pescador	Sapateiro
Homem	Mulher		Ambos	

--	--	--

Atividades/Tarefas		
Limpar a casa Passar a ferro	Cozinhar Lavar a loiça Cuidar dos animais	Jogar <i>PlayStation</i> Cuidar das plantas Jogar computador
Homem/Menino	Mulher/Menina	Ambos

Jogos e Brinquedos		
Jogar Monopólio Brincar com pistas de carros Jogar Xadrez	Jogar UNO Montar Puzzle Brincar com ferramentas	Brincar com barbies Jogar batalha naval Jogar à macaca
Menino	Menina	Ambos

--	--	--

3. Assinala com X a opção que consideras mais adequada para cada uma das partes do corpo apresentadas.

	Qualquer um pode tocar	Só eu posso tocar
Cabelo		
Joelho		
Antebraço		
Vulva		
Boca		
Braço		
Pénis		
Mãos		
Braço		
Mamas		

Apêndice 4 - “Questionário de Satisfação” realizado às crianças no *Google Forms*

Questionário de Satisfação

A realização deste questionário tem como principal objetivo perceber se ficaste, ou não, satisfeito com a realização das cinco sessões sobre a sexualidade, pela estagiária Marta.

Responde às questões que se seguem de forma sincera.

[martainesribeirodacosta26@gmail.com](#) [Mudar de conta](#)

 Não partilhado

*** Indica uma pergunta obrigatória**

Qual o teu grau de satisfação com as 5 sessões realizadas? *

	1	2	3	4	5	
Pouco Satisfeito	☐	☐	☐	☐	☐	Muito Satisfeito

Qual foi a sessão/tema que mais gostaste? *

A sua resposta

Porquê? *

A sua resposta

Qual foi a sessão/tema que menos gostaste? *

A sua resposta

Porquê? *

A sua resposta

O que aprendeste nestas sessões? *

A sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Apêndice 5 – Guião de entrevista à professora titular de turma

Questões:

- 1 – O que pensa sobre a abordagem do corpo e da sexualidade no 1º Ciclo? E porquê?
- 2 - Durante a sua prática já alguma vez abordou esta temática com as crianças? Se sim, que assuntos é que abordou?
- 3 - Considera que as temáticas abordadas ao longo das sessões por mim realizadas foram adequadas para desenvolver com crianças? Porquê.

4 - Na sua prática profissional já teve conhecimento ou lidou com alguma situação relacionada com abuso sexual e/ou aproximação abusiva de crianças? Como lidou com a situação, pode explicar?

Apêndice 6 – Consentimento Informado entregue às famílias

Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, que me encontro a realizar na Escola Superior de Educação de Coimbra e, a fim de desenvolver um estudo sobre a abordagem da sexualidade com crianças, tendo em conta as Aprendizagens Essenciais, necessito de proceder à recolha de dados junto das famílias através de um questionário. Posteriormente irei elaborar e implementar uma intervenção com as crianças da turma do 3º ano, da EB1 Eiras. Assim, solicito o seu consentimento quer na resposta ao questionário, quer no envolvimento do/a seu/sua educando/a no estudo. Comprometo-me, desde já a garantir o anonimato. Os dados recolhidos serão confidenciais e apenas utilizados para fins investigativos.

A estagiária:

Marta Inês Ribeiro da Costa

.....

Declaro que li integralmente o presente termo de aceitação, que compreendi as condições de participação no estudo sobre a abordagem da sexualidade com crianças, que participo de livre e espontânea vontade, autorizando/não autorizando (riscar o que não interessa) o envolvimento do/a meu/minha educando/a, e que concordo que os dados sejam apresentados de forma completamente anónima em trabalhos académicos, apresentações públicas, congressos científicos e publicações.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

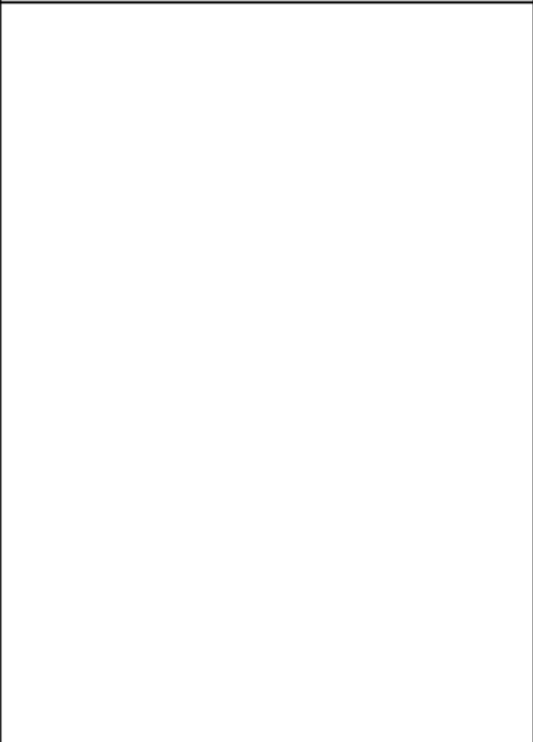
Apêndice 7 – Atividades realizadas pela criança autista após a sessão 4

Será que somos todos iguais?

§	Características individuais	Nº de amigos/amigas
Cabelo	curto	
	médio	
	comprido	
	liso	
	ondulado	
	encaracolado	
	preto	
	castanho	
	loiro	
	ruivo	
Olhos	pequenos	
	grandes	
	verdes	
	castanhos	
	azuis	
Nariz	pequeno	
	grande	
	fino	
	grosso	
	achatado	
Pele	clara	
	escura	
Aspeto físico	baixo	
	alto	
	gordo	
	magro	

Como podemos distinguir um menino e uma menina?

- Na tabela desenha um menino e uma menina.

Menino	Menina
	

- Escreve 5 frases com diferenças entre os teus dois desenhos.

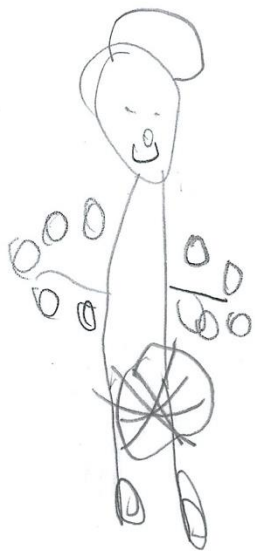
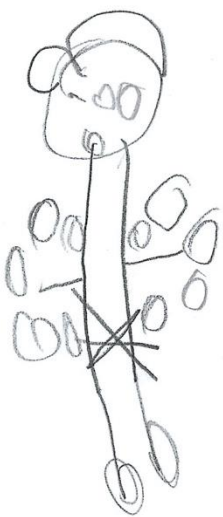
Apêndice 8 – Atividades resolvidas pela criança autista após a sessão 4

Será que somos todos iguais?

§	Características individuais	Nº de amigos/amigas
Cabelo	curto	11
	médio	3
	comprido	6
	liso	13
	ondulado	7
	encaracolado	0
	preto	0
	castanho	18
	loiro	2
	ruivo	0
Olhos	pequenos	2
	grandes	18
	verdes	0
	castanhos	19
	azuis	1
Nariz	pequeno	1
	grande	19
	fino	14
	grosso	5
	achatado	1
Pele	clara	18
	escura	2
Aspeto físico	baixo	5
	alto	15
	gordo	2
	magro	18

Como podemos distinguir um menino e uma menina?

- Na tabela desenha um menino e uma menina.

Menino	Menina
	

- Escreve 5 frases com diferenças entre os teus dois desenhos.

O MENINO TEM CALÇÊES.
 A MENINA TEM UM VESTIDO.
 O MENINO É O GUILHERME
 A MENINA É A BEATRIZ

Apêndice 9 – Exemplar do guião entregue na sessão 5 às crianças

EB1 Eiras – 3º Ano

5ª Sessão

Lucía Serrano

O teu corpo é teu e de mais ninguém



Jacarandá

2ª
Edição

A cantiga do segredo bom

Eu tenho um belo segredo, giroflé, giroflá
Eu tenho um belo segredo, giroflé, flé, flá
Conta-mo, não tenhas medo, giroflé, giroflá
Conta-mo, não tenhas medo, giroflé, flé, flá
E sabes guardá-lo bem?, giroflé, giroflá
E sabes guardá-lo bem?, giroflé, flé, flá
Nunca o direi a ninguém, giroflé, giroflá
Nuca o direi a ninguém, giroflé, flé, flá
É que ontem dei um beijinho, giroflé, giroflá
É que ontem dei um beijinho à minha amiga Migá.

A cantiga do segredo mau

Eu tenho um triste segredo, giroflé, giroflá
Eu tenho um triste segredo, giroflé, flé, flá
Conta-o, não tenhas medo, giroflé, giroflá
Conta-o, não tenhas medo, giroflé, flé, flá
Não posso, estou assustado, giroflé, giroflá
Não posso, estou assustado, giroflé, flé, flá
Ficas mais aliviado, giroflé, giroflá
Ficas mais aliviado, giroflé, flé, flá
Vou contá-lo já à mãe, giroflé, giroflá
Vou contá-lo já à mãe, depois vou sentir-me bem.

AS REGRAS DO MEU CORPO



SEMÁFORO DO TOQUE



Apêndice 10 – Transcrição das respostas das famílias (n=15) aos questionários

Questão 1 – Costuma abordar com o/a seu/sua educando/a assuntos relacionados com o corpo e a Sexualidade?

Identificação da família	Sim	Não
FCV	X	
FDF	X	
FDC	X	
FDB	X	
FFS	X	
FGC		X
FGP	X	
FLR	X	
FLF	X	
FMJ	X	
FMP	X	
FPA	X	
FPG	X	
FSA	X	
FVP	X	

Questão 1.1 – Se sim, de quem parte a iniciativa?

Identificação da família	Da criança	Da família
FCV		X
FDF	X	X
FDC		X
FDB	X	
FFS	X	X
FGC		
FGP	X	

FLR		X
FLF	X	X
FMJ	X	
FMP	X	X
FPA	X	X
FPG	X	X
FSA	X	X
FVP		

Questão 1.2 – Dê exemplos de assuntos que aborda com o/a seu/sua educando/a.

FCV: *“Sobre não permitir que haja algum tipo de manifestação sexual da parte de algum colega ou adulto. Falamos sobre ela não permitir que alguém lhe “toque” ou se o fizerem, terá de me contar.”*

FDF: *“Algumas questões sobre anatomia, diferenças entre Homem e Mulher.”*

FDC: *“Que ninguém, mesmo sendo da família, não pode tocar nas partes íntimas. Caso isso aconteça, contar logo à mãe o que se passou.”*

FDB: *“Diferenças entre o corpo da mãe e do pai.”*

FFS: *“Principalmente doenças sexualmente transmissíveis e quais as alterações do corpo com a adolescência.”*

FGC: Não respondeu

FGP: *“Muito poucos, mas mais sobre o corpo. “Transformação”.”*

FLR: *“Privacidade, comportamentos, abertura para falar com os pais sobre qualquer assunto. Também já abordamos o tema da menstruação.”*

FLF: *“Sobre o facto dele não permitir falar, aceitar nada de ninguém.”*

FMJ: *“Como se fazem os bebés. A importância do corpo da mulher.”*

FMP: *“Reprodução. Órgãos genitais.”*

FPA: *“Sobre a reprodução, por onde nascem os bebés.”*

FPG: *“Mostrar/mexer partes íntimas. A quem pode questionar certas coisas...”*

FSA: *“Diferenças do corpo (Mulher e Homem). Os bebés. Mulher e Homem namoram. PK?”*

FVP: *“Alterações do corpo, pois questiona o porquê da menstruação, o crescimento dos pêlos.”*

Questão 1.3 – Sente dificuldade em abordar assuntos relacionados com o corpo e a Sexualidade com o/a seu/sua educando/a? Porquê?

FCV: *“Não. Porque já falamos desde sempre e ela, com a informação a que têm todos acesso nos dias de hoje, sabe o que falo.”*

FDF: *“Não. Porque a sexualidade faz parte de quem somos. Porque é algo bom e que deve ser vivido aquando de alguma maturidade e dentro de um compromisso seguro.”*

FDC: *“Não. Não abordo de uma forma muito complicada, sou simples a explicar e por vezes dou exemplos. Mas temas adequados à idade da criança.”*

FDB: *“Não. Até ao momento não tem sido difícil.”*

FFS: *“Não. Porque me sinto com à vontade de falar sobre este assunto com o meu filho.”*

FGC: *“Não.”*

FGP: *“Sim. Às vezes é complicado para nós tentarmos explicar certos assuntos. Como por exemplo “como aparecem os bebés”. É normal mas na idade deles percebem sem malícia.”*

FLR: *“Não. Porque tem de ser um assunto falado entre família.”*

FLF: *“Não.”*

FMJ: *“Sim. Às vezes é difícil abordar este tema com as crianças, uma vez que não sabemos se estamos a ser bem interpretados por esta.”*

FMP: *“Não.”*

FPA: “Não. Por enquanto ainda não senti dificuldades e se em algum momento sentir, terei de conseguir ultrapassar esse sentimento, para que consiga explicar da melhor forma possível.”

FPG: “Sim e Não. Não sentimos dificuldade em responder às questões colocadas. A dificuldade prende-se com a altura certa de abordar certas questões.”

FSA: “Não.”

FVP: “Não. Pois acho que é uma questão que mais cedo ou mais tarde vão aprender e se começarmos a falar nas alterações será mais fácil de aceitar e entender.”

Questão 2 – Na sua opinião, a educação em Sexualidade compete:

Identificação da família	Às famílias	À escola	Ambos
FCV			X
FDF	X		
FDC			X
FDB			X
FFS			X
FGC			X
FGP			X
FLR			X
FLF			X
FMJ			X
FMP			X
FPA			X
FPG			X
FSA			X
FVP			X

Questão 2.1 – Porquê?

FCV: *“Todos temos responsabilidade de proteger as nossas crianças. Nós, pais a dar o máximo de informação possível, a escola a dar continuidade a proteção possível, também.”*

FDF: *“1. Porque são menores de idade. 2. A sexualidade é uma parte da identidade humana que deve ser formada inicialmente pela família. 3. O tema da sexualidade na escola é entregue às ciências sociais e por isso é bastante ideológico. 4. A escola devia/podia oferecer apoio às famílias que assim o desejassem.”*

FDC: *“Por vezes, a escola tem mais conhecimento sobre os temas. A Família deixa a criança mais segura e confortável.”*

FDB: *“É importante falar em família para haver um acompanhamento do desenvolvimento da criança. Na escola poderá ser mais fácil abordar alguns assuntos por estarem com os colegas e por vezes as crianças têm mais facilidade de falar algumas coisas com os colegas.”*

FFS: *“Acho que ambos são responsáveis por passar informação.”*

FGC: *“A escola no sentido em que atualmente as crianças passam mais tempo lá e podem fazer um acompanhamento. Sendo que em idade da adolescência é na escola que fazem os primeiros contactos, na família como uma apresentação, no sentido de fazer compreender o que podem encontrar à medida que crescem e as diferentes fases do corpo.”*

FGP: *“A escola anda lado a lado com os pais na educação dos filhos. É como uma disciplina é informação.”*

FLR: *“Toda a educação, seja sobre qual for o tema, deve ser um trabalho conjunto.”*

FLF: *“Porque é importante a criança conhecer várias realidades.”*

FMJ: *“Porque acho que é um tema que deverá ser abordado de uma forma mais geral na escola, e mais técnica.”*

FMP: *“Porque não tem que ser um tabu, porque quanto mais informados estiverem os alunos/crianças melhor lidam com a sexualidade.”*

FPA: *“Quer os pais, quer na escola pode ser falado sobre a sexualidade. Às vezes os miúdos sentem maior à vontade em falar com os seus pares ou com os professores. No entanto, acho que é em casa que devemos começar a falar sobre estes assuntos, como algo natural.”*

FPG: *“As questões/dúvidas das crianças surgem tanto em contexto familiar como em contexto escolar.”*

FSA: *“Porque a escola completa as aprendizagens adquiridas em casa. E nós em casa exploramos assuntos abordados na escola.”*

FVP: *“Pois juntos conseguimos esclarecer melhor as dúvidas que possam existir e as precauções a tomar e respeitar.”*

Questão 3 – Considera que o/a professor/a deveria promover com as crianças atividades sobre o corpo e a sexualidade?

Identificação da família	Sim	Não
FCV	X	
FDF	X	X
FDC	X	
FDB	X	
FFS	X	
FGC	X	
FGP	X	
FLR	X	
FLF	X	
FMJ	X	
FMP	X	
FPA	X	

FPG		
FSA	X	
FVP	X	

Questão 3.1 – Porquê?

FCV: *“Porque já o faz desde sempre.”*

FDF: *“Sim – ciências naturais, anatomia e fisiologia. Não – não sem transparência do currículo, descrição das atividades e o que se procura ensinar.”*

FDC: *“Demonstrar, falar, faz parte da aprendizagem. Mas dentro dos limites dos temas... São crianças!”*

FDB: *“Porque é sempre possível fazer a ligação com os assuntos abordados (que fazem parte dos conteúdos programáticos).”*

FFS: *“Para mais conhecimento do funcionamento do próprio corpo.”*

FGC: *“Porque é importante as crianças entenderem as diferenças entre menino e menina e porque em família monoparental nem sempre é fácil explicar de forma pedagógica para uma mãe aos rapazes e para um mais às meninas.”*

FGP: *“Considero importante! Pois acho que é muito importante para as crianças. Algumas delas têm algum tipo de constrangimento em perguntar aos pais, por exemplo “como nascem os bebés”. ”*

FLR: *“Porque é importante que conheçam desde cedo essas questões.”*

FLF: Não respondeu

FMJ: *“Porque é mais interessante ser a professora a falar com as crianças, porque a atenção será diferente.”*

FMP: *“Informação geral.”*

FPA: *“Penso que se torna mais desafiante e interessante falar sobre o assunto com os seus colegas e professor ou enfermeiros. Eles criam atividades muito motivadoras e pedagógicas.”*

FPG: *“Tudo depende das atividades e das abordagens. Se as crianças tiverem dúvidas em contexto escolar, a/o professor/a deve esclarecer.”*

FSA: *“Em contexto de grupo existem assuntos que são mais fáceis apreender pela criança. E mais fácil falar sobre esses mesmos assuntos.”*

FVP: *“Pelo que sei será um tema abordado na escola, o corpo humano assim como a reprodução do ser humano. Tudo leva a que este tema será apresentado de certeza pelo professor.”*

Questão 4 – Na sua opinião, que assuntos sobre o corpo e a Sexualidade podem ser abordados na Escola? Dê exemplos.

FCV: *“Os assuntos já são abordados na escola, pelo que o bom trabalho já está a ser feito.”*

FDF: *“Os assuntos devem ser apropriados à idade. Anatomia. Corpos diferentes, valor igual.”*

FDC: *“Certas partes do corpo não devem ser tocadas por qualquer pessoa. Não se exporem (sem roupa) a quem quer que peça para o fazer.”*

FDB: *“Diferenças entre raparigas/rapazes. Importância da intimidade.”*

FFS: *“Principalmente as doenças sexualmente transmissíveis e como é suposto o corpo reagir às várias sensações.”*

FGC: *“Resistência dos rapazes em comparação às raparigas. Peito magoa às meninas e testículos aos meninos. Como se reproduzem. Menstruação.”*

FGP: *“Por exemplo o porquê de as meninas terem o período, e porquê de terem maminhas. E nos meninos porquê de não acontecer o mesmo. Sexualidade tudo que na idade deles possam entender.”*

FLR: *“Todos. Mas, nesta fase, é importante falar das transformações no corpo e da puberdade na adolescência.”*

FLF: Não respondeu

FMJ: “Gravidez. A importância do “nosso” corpo. O respeito pelo outro.”

FMP: “Métodos contraceptivos. Prevenção de doenças.”

FPA: “Sobre a diferença entre os 2 sexos. Os órgãos reprodutores. O respeito que devemos ter pelo nosso corpo e pelo dos outros. O namoro (ainda que possa ser uma abordagem mais superficial, nestas idades).”

FPG: “Depende das dúvidas das crianças e do seu desenvolvimento. Arrisco a dizer: intimidade/desenvolvimento do corpo feminino e masculino...”

FSA: “Ninguém mexe no nosso corpo sem a nossa autorização. Não devemos ter vergonha de questionar o que para nós é estranho. Conhecer o nosso corpo. Falar dos sentimentos.”

FVP: “Sim. Corpo humano. Reprodução. Doenças relacionadas.”

Dados pessoais

<u>Relação de parentesco</u>					
Identificação da família	Mãe	Pai	Avó	Avô	Outro: Qual?
FCV	X				
FDF		X			
FDC	X				
FDB	X				
FFS					
FGC	X				
FGP	X				
FLR		X			
FLF	X				
FMJ	X				
FMP	X				
FPA	X				
FPG	X	X			

FSA	X				
FVP	X				

Nível de escolaridade do/a familiar:**FCV:** “12º ano”**FDF:** “Ensino Secundário”**FDC:** “10º ano”**FDB:** Não respondeu**FFS:** Não respondeu**FGC:** Não respondeu**FGP:** “Secundária”**FLR:** Não respondeu**FLF:** “9º c/ curso de auxiliar e acção educativa”**FMJ:** “Licenciatura”**FMP:** Não respondeu**FPA:** Não respondeu**FPG:** “Mãe – Licenciatura. Pai – 12º ano/secundário”**FSA:** “Mestrado”**FVP:** Não respondeu

<u>Idade do/a familiar</u>					
Identificação da família	Menos de 25 anos	Entre 25 e 29 anos	Entre 30 e 34 anos	Entre 35 e 40 anos	Mais de 40 anos
FCV					X

FDF					X
FDC					X
FDB				X	
FFS					X
FGC			X		
FGP				X	
FLR				X	
FLF				X	
FMJ				X	
FMP				X	
FPA					X
FPG					X
FSA				X	
FVP				X	

<u>Idade da criança</u>				
Identificação da família	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
FCV		X		
FDF		X		
FDC		X		
FDB		X		
FFS			X	
FGC		X		
FGP		X		
FLR			X	
FLF		X		
FMJ		X		
FMP			X	
FPA		X		

FPG			X	
FSA		X		
FVP			X	

Apêndice 11 - Transcrição da entrevista à professora titular de turma

1 - O que pensa sobre a abordagem do corpo e da sexualidade no 1º Ciclo? E porquê?

Resposta: *“Eu penso que... é importante em qualquer nível de ensino, mas no 1º ciclo torna-se importante porque eles começam a descobrir o seu corpo e às vezes têm alguns receios ou algumas dúvidas que não conseguem colocar em casa e que se calhar aqui na escola conseguem mais facilmente não ter essa vergonha e falar com o professor ou com alguém. E também as aprendizagens essenciais apontam para isso: ao longo do 1º ciclo, nos vários anos é abordado gradualmente este tema.”*

2 - Durante a sua prática já alguma vez abordou esta temática com as crianças? Se sim, que assuntos é que abordou?

Resposta: *“Sim, sim já abordei. Nós tratamos sempre as funções do corpo... a nível do sistema reprodutor, sistema digestivo e outros... quando é o sistema reprodutor, às vezes nós temos que nos socorrer de outros materiais, porque os manuais nem sempre iam de encontro àquilo que nós queríamos apresentar... ou eram muito redutores. Penso que agora com os novos manuais a serem escolhidos e até nos do próximo ano de escolaridade, as imagens são cada vez mais reais e têm mesmo as imagens e a legenda.*

Algo que não acontecia até... até este ano. Eu não me recordo!”

3 - Considera que as temáticas abordadas ao longo das sessões por mim realizadas foram adequadas para desenvolver com crianças? Porquê.

Resposta: *“Eu penso que sim, eles estavam sempre muito expectantes o que é que iam... o que é que iriam abordar... penso que é muito pertinente, porque eles se já tinham ouvido ou veem algumas imagens, mas depois nem sempre corresponde, ou havia aqueles nomes que eles não sabiam e só tiveram contacto este ano e.... e isso tornou todas essas sessões cada vez mais motivadoras para eles.”*

4 - Na sua prática profissional já teve conhecimento ou lidou com alguma situação relacionada com abuso sexual e/ou aproximação abusiva de crianças? Como lidou com a situação, pode explicar?

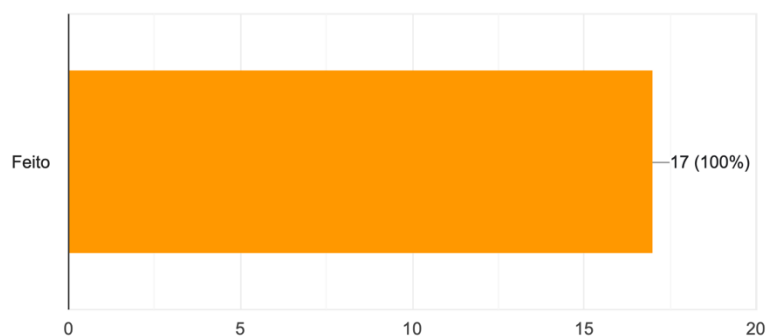
Resposta: *“Eu durante a minha prática, que eu tivesse conhecimento não! Nunca tive! Por isso também não sei como é que... acho que cada vez mais, através do diálogo e através destas sessões, penso que as crianças são... se sentem mais à vontade para falar connosco e veem o adulto ou o professor como alguém com quem devem falar ou confiar... e é isso que nós dizemos desde o primeiro momento que estamos com eles, por isso eu acho que isso é o primeiro ponto e é talvez o aspeto chave para se houvesse alguma coisa para eles virem ter connosco e falarem.”*

Apêndice 12 – Transcrição das respostas ao “Questionário de avaliação após intervenção” realizado às crianças (n=17) no Google Forms

Questão 1 – “Faz um desenho de um menino e de uma menina.”

Faz um desenho de um menino e de uma menina.

17 respostas



Questão 2 - Que alterações ocorrem nos corpos das meninas e dos meninos quando crescem? Enumera 5 para cada um/uma.

R1: *"1 as partes intimas 2as mamas 3 o cabelo 4"*

R2: *"As mamas as partes intimas o cabelo o que vestem e a forma que falam."*

R3: *"cabelo cobrido- w"*

R4: *"menina - mamas, altura, pelos e borbulhas. menino - mamas, pelos, borbulhas e altura."*

R5: *"cabelo ,cara, corpo, forma e sentidos"*

R6: *"Ficamos maiores, ficamos mais fortes"*

R7: *"Ambos: começa a aparecer pelos na vagina e no pénis"*

Meninas: as mamas começam a crescer, têm período e podem ter filhos(as) ...

Meninos: nao sei"

R8: *"1: é um menino"*

2: cresce um bocado e começa a ganhar pelos e outras coisas

3: cresce mais um bocado e começa a crescer barba e começa a crescer pelos mas maior do que antes

4: começam a ficar mais velhos com a barba grande e com os pelos também grandes

5: começam a envelhecer e tornam-se avôs ou avós."

R9: *"Nos meninos ocorrem o crescimento, os pelos, a parte intima, o crescimento do cabelo e o bigode e as meninas o crescimento do cabelo, os pelos, e a parte intima, e também o crescimento, e algumas meninas têm bigode e os braços."*

R10: *"Ficamos maiores"*

R11: *"As mamas , vulva e o pénis e a barba"*

R12: *"crescem pelos na vulva e nos homens crescem pelos no sobaco e as mulheres têm mamas e os homens não"*

R13: *“H, força, pelos, cabelo, bigode e vos grave. M, cabelo, mamas, pelos, grávidas e piriudo.”*

R14: *“Menino: cabelo, partes íntimas, os jogos, as profissões. Meninas: cabelo, partes íntimas, os jogos, as profissões.”*

R15: *“As meninas têm mamas maiores do que os meninos, a vulva e as pestanas . E dos meninos os braços crescem maiores, a barba e o pénis”*

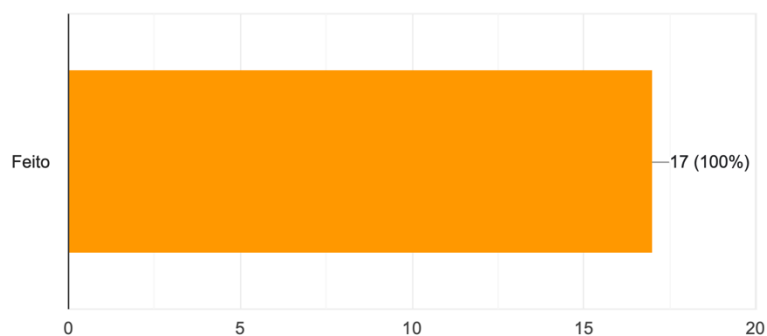
R16: *“menino: altura, barba, cabelo, mãos, nariz. Meninas: altura, cabelo, mãos, nariz, seios e ETC.”*

R17: *“Barba e mamas maiores”*

Questão 3 – As meninas e os meninos distinguem-se pelas brincadeiras ou atividades que realizam?

As meninas e os meninos distinguem-se pelas brincadeiras ou atividades que realizam?

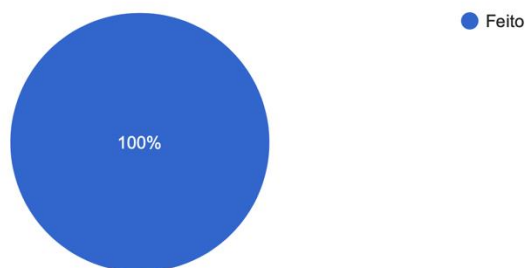
17 respostas



Questão 4 – Só eu posso tocar vs Qualquer pessoa pode tocar

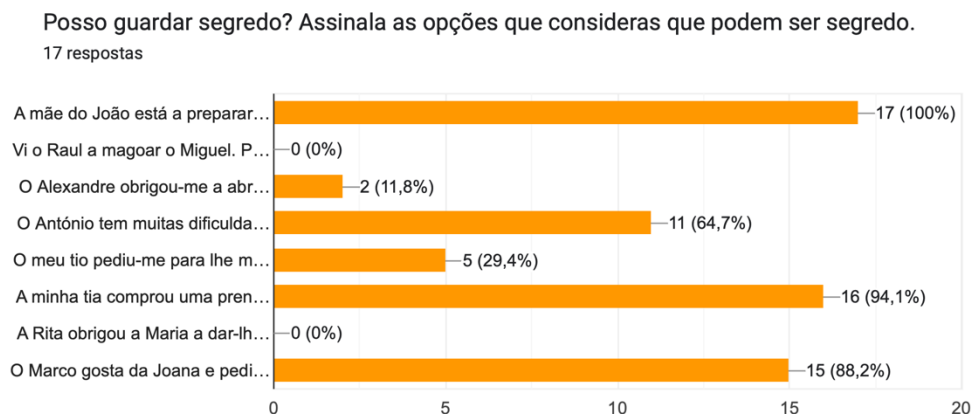
Só eu posso tocar vs Qualquer pessoa pode tocar

17 respostas



Questão 5 – Posso guardar segredo?

Assinala as opções que consideras que podem ser segredo.



Questão 6 – Se um segredo me deixa triste o que devo fazer?

R1: “contar a alguém”

R2: “Ir dizer a um adulto.”

R3: “catar uma mosica”

R4: “Devo dizer a alguém que eu confio.”

R5: “Contar a um adulto”

R6: “Cotar aos adoltos.”

R7: “contar a um adulto como: mãe, pai, avô, avó, professor@, auxiliar, ...”

R8: “digo a alguém de confiança para guardar o segredo ou digo a um adulto”

R9: “Contar a um adulto.”

R10: “Deves contar aos adoltos.”

R11: “Dizer a um adulto ou a uma professora ou a alguma pessoa em quem eu confio”

R12: “devo dizer a um adulto ou a outra pessoa”

R13: “Não tens de contar a um adulto.”

R14: *“dizer a essa pessoa para não contar a ninguém para não me deichrem-me mais triste ou dizer a algum adulto para avizar essa pessoa.”*

R15: *“Contá-lo a uma pessoa de confiança.”*

R16: *“Eu ia contar para uma pessoa que eu teria muita confiança.”*

R17: *“Deves contar a alguém que tu confias”*

Questão 7 – Se um segredo me deixa feliz o que devo fazer?

R1: *“não devo contar”*

R2: *“Essa pessoa têm de aguentar o segredo.”*

R3: *“goardar”*

R4: *“Devo guardar segredo.”*

R5: *“Ficar alegre”*

R6: *“Podes guardar segre.”*

R7: *“ficar contente e disserem para não contar eu não irei contar .”*

R8: *“devo o guardar bem e tento no máximo não o contar a ninguém”*

R9: *“Se quiser posso contar.”*

R10: *“Podes goardar o segredo.”*

R11: *“Guarda-lo”*

R12: *“devo abraçá-lo e fazer um jogo”*

R13: *“Podes contar as pessoas.”*

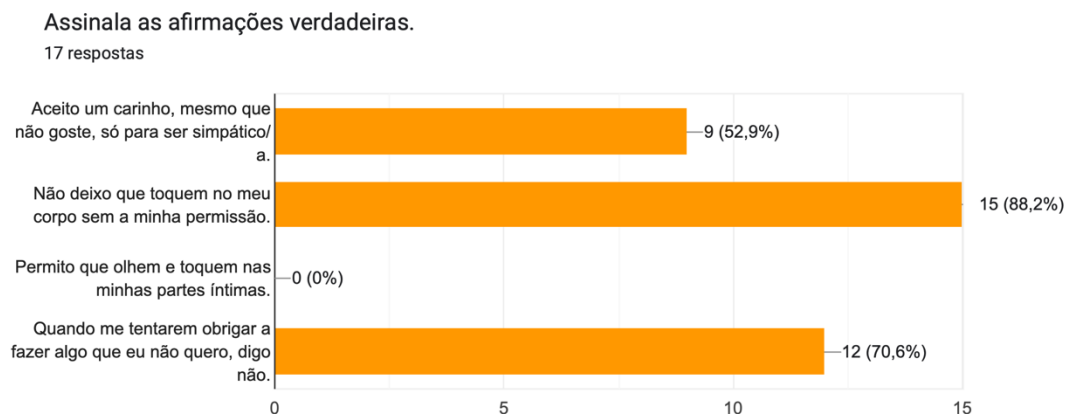
R14: *“eu fico muito feliz ;):)”*

R15: *“Posso contá-lo ou não.”*

R16: “podíamos contar á toda gente que conhecemos mas com autorização das pessoas que vamos contar”

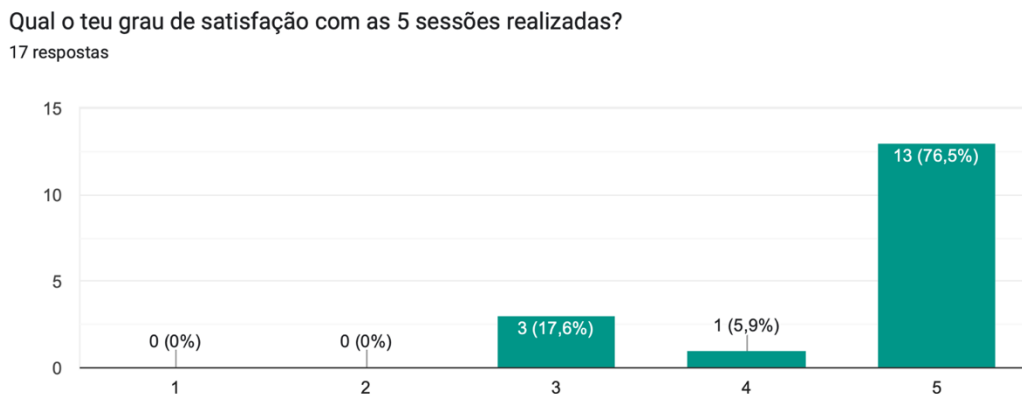
R17: “Deves guarda-lo”

Questão 8 – Assinala as afirmações verdadeiras.



Apêndice 13 - Transcrição das respostas ao “Questionário de Satisfação” realizado às crianças (n=17) no Google Forms

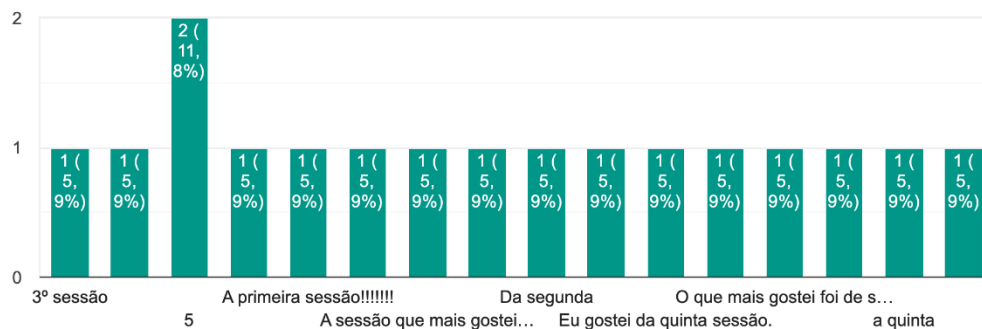
Questão 1 – Qual o teu grau de satisfação com as 5 sessões realizadas?



Questão 2 – Qual foi a sessão/tema que mais gostaste?

Qual foi a sessão/tema que mais gostaste?

17 respostas



Questão 3 – Porquê?

R1: "Munto is grasada"

R2: "Porque achei estressante e divertido"

R3: "foi fixe ouvir a história e aprender as musicas do segredo mau e bom"

R4: "Porque falava de um livro que se chamava, o teu corpo é teu e de mais ninguém."

R5: "porque gostei de ouvir a história e de realizar a sessão"

R6: "Porque gostei de aprender novas coisas"

R7: "Porque gostei da nossa conversa"

R8: "Fizemos desenhos e depois tivemos de adivinhar."

R9: "Porque essa sessão fez-me aprender mais."

R10: "Porque gostei de fazer os desenhos."

R11: "Porque foi divertido"

R12: "Porque tivemos de desenhar"

R13: "Eu gostei da quinta sessão porque ouvimos uma história e também porque ganhamos um mini livro"

R14: *“Porque é imteressante para min”*

R15: *“Achei interessante”*

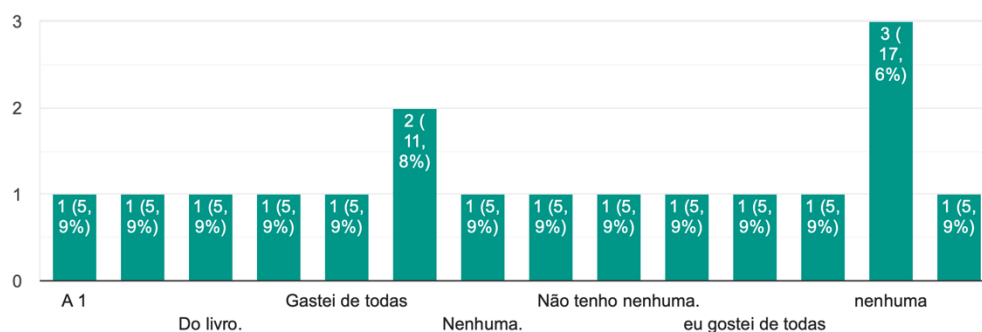
R16: *“Porque agora sei muito mais.”*

R17: *“aprendi o semáforo do toque.”*

Questão 4 – Qual foi a sessão/tema que menos gostaste?

Qual foi a sessão/tema que menos gostaste?

17 respostas



Questão 5 – Porquê?

R1: *“Porque gostei de todas”*

R2: *“Não fizemo poca coisa”*

R3: *“Por que tinha se de desenhar pessoas ser roupa e gozaram do meu trabalho...”*

R4: *“porque todos nós aprendemos um bocadinho”*

R5: *“Porque gostei de todas.”*

R6: *“porque todas foram divertidas e fizeram-me aprender mais sobre o corpo humano”*

R7: *“Porque gostei de todas as sessões”*

R8: *“Fiquei a apanhar seca.”*

R9: *“Porque gosto mais de pintar do que desenhar.”*

R10: “-”

R11: “-”

R12: *“Porque eu adorei todas”*

R13: *“porque não gostei do livro”*

R14: *“Não consigo escolher”*

R15: *“Porque gostei de tudo.”*

R16: *“porque um colega me desenhou mal”*

R17: “-”

Questão 6 – O que aprendeste nestas sessões?

R1: *“aprendi que não á brinquedo , roupas, etc. para meninos e meninas.”*

R2: *“Aprendi nomes de coisas do corpo que não conhecia.”*

R3: *“aprendi novas partes do corpo e aprendi a cuidar do meu corpo.”*

R4: *“Aprendi os sexos e como se desenvolve um menino(a).”*

R5: *“Sexos, regras do corpo, as diferenças de todos.”*

R6: *“Que algumas partes devemos ter mais cuidado do que outras.”*

R7: *“Que há muitas coisas por aprender ainda sobre este tema.”*

